



Edson Antônio Velano

Ventos na Vila Formosa

Crônicas



Edson Antônio Velano

VENTOS NA VILA FORMOSA



Crônicas

*À vida,
que me tirou tantos
e me deu Maria do Rosário,
Larissa,
Viviane,
João Vitor,
Gabriela e
Alzira Rodrigues Velano.*

*Ao professor Sebastião Mariano
Franco de Carvalho, pela revisão
das provas gráficas.*

Edson Antônio Velano

PREFÁCIO

Visivelmente influenciado pela trilogia de “O Tempo e o Vento”, de Érico Veríssimo, Edson Velano escreve estas crônicas de “Ventos na Vila Formosa”. Confessa, de início, que seus “ventos” não anunciam as tormentas, mas “sopram brisa, com doçura, sobre as pessoas desse pequeno recanto de Minas”. Continua: “seus circuitos penetram no enredo das histórias de um tempo, de um lugar, da praça principal que comecei a descrever entre claros e escuros”.

O autor, como se vê, firma seu foco no Praça Getúlio Vargas, para onde convergem, na maioria das vezes, suas memórias. Mas Velano não se limita à descrição física desse espaço mais amado por ele; antes, ocupa-se de revelar figuras humanas que gravitam em torno daquilo que se tornou, ao longo dos anos, uma espécie de reitoria informal. Reveste-as, fiel a seu estilo poético, de uma carga impressionista que as alça à condição de seres especiais. Embora privilegie a praça, “Ventos na Vila Formosa” tem seu ponto alto na crônica V, de ordem estritamente pessoal em que sugestão tomada na obra de Veríssimo é elevada ao plano da poesia pela fusão da personagem Bibiana e Dona Alzira, mãe do autor.

Sabemos que ventos conduziram fisicamente Edson Velano a várias regiões do mundo. Mas não será exagero afirmar que ele nunca saiu de sua cidade. Na verdade, nunca deixou a praça Getúlio Vargas, o coração da antiga (e eterna) Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas.

Prof. João Batista Cruz

“Sobre a Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas, continua soprando para o norte e para o sul, faz chover; sopra brisa, com doçura, sobre as pessoas e montes desse pequeno recanto de Minas. Cede lugar às ‘Sombras’.”

VENTOS NA VILA FORMOSA

I

“O vento sopra para o sul, depois para o norte, dá voltas e acaba no mesmo lugar”. Assim escreve o “Sábio” que medita profundamente sobre a vida humana e que a Bíblia registra com o nome de *Eclesiastes*. Nada a ver com a palavra *eclesiástico*. Quando se fala em vento estelar, vento solar, vento sideral, a corrente de ar atmosférico que move as velas e os barcos, que anuncia as tormentas, que é evitado a ser recebido nas costas, o vento perde o sentido mágico e poético que inspira canções e estalos sonoros de liras para no máximo ser referido na energia eólica. Quase todos os que usam esse falar nem se lembram do filho de Zeus, chamado Éolo, deus dos ventos da mitologia. Sobre a Vila Formosa de São José e Dolores de Alfenas, continua soprando para o norte e para o sul, faz chover; sopra brisa, com doçura, sobre as pessoas e montes desse pequeno recanto de Minas. Cede lugar às “Sombras”. Seus circuitos penetram no enredo das histórias de um tempo, de um lugar, da praça principal que comecei a descrever entre claros e escuros. Parei no Hotel Paraíso, sem fazer menção à casa antiga que testemunha naquele lugar o tiro vindo de uma violenta emoção que pretende afoitamente responder ao desatino de um homem. Sim, naqueles dias dos anos 30 triunfa o fado da infelicidade, enlouquecendo as paixões... e a morte acabou vindo, depois. Alguém cai, ferido, fica uma viúva a vida inteira, outra família vai para longe para

esquecer o tiro. O vento foi para o norte. Alguns antigos ainda se lembram das dores nascidas da discussão, das ásperas palavras, do destino desfolhado. Logo após, no prédio ao lado, vem a “Casa dos Mil e Um Artigos”, a arte mercantil executada tão bem por Gentil Cândido de Oliveira e que tem na esposa, Judith Silveira de Oliveira, retaguarda mais do que firme nos negócios. A herança dos antigos e nem conhecidos ancestrais transbordou no comerciante, como se ele estivesse em tenda, em pleno deserto, vendendo e comprando carneiros; talento que tem de ser reconhecido: a arte de vender, a arte de ficar atrás de balcões, o desprendimento total porque, se quiser, pode ter emprego público em uma época que os cargos eram distribuídos pelos chefes políticos. Nenhum esforço ou concessão faço em reconhecer a fidelidade ao talento, a quem sabe fazer, pois o talento não é privilégio da arte nem da ciência, também em qualquer profissão. É aptidão, capacidade inata ou adquirida. Afastado o elogio fácil, muito longe a bajulação, rejeitado o julgamento, sobretudo porque não tem o escriba poderes para pairar acima do bem e do mal e cravar sentenças jogadas como um raio, incendiando os dias e noites de seu tempo, de sua época, das gentes e pessoas que nem conheceu ou com que não conviveu, ou conhece e convive. Não se pode negar que Gentil Cândido de Oliveira, naquele pedaço de praça, deixa vir à tona seu talento de bom comerciante. Não se pode negar que Judith Silveira de Oliveira tempera essa atividade. Ambos, sem pretensão, sem nenhum desejo de ostentar, de valer-se do prestígio do sogro e pai para conseguir posição de destaque para sair do balcão. Sem mudar de personalidade, reproduzindo na formação dos filhos o que ele havia aprendido quando cresceu, sem indagar se as leis da vida são duras e ásperas porque sabe que são as leis da vida. Nada vem de graça, nada virá de graça, tudo tem que ser conquistado. Naquela tarde de 1946,

o holandês Padre Geraldo Perlzers recebe os então noivos ao som da orquestra de Alcindo Paraíso, Eurico Heyden, Tomaz de Carvalho e Silva, Plínio Paraíso, Romeu Venturelli, Antônio Paulino Ferreira e Maria da Glória Soares Fonseca. Maio, 1946. À entrada da noiva, a “Ave Maria” de Rifaure, na bela voz de Abigail Valadão Monteiro. O Juiz de Paz, Maurício Lomonte, o oficial de Registro Civil, Tomaz de Carvalho e Silva, nomes que, para quem ouve a primeira vez, soam como se fossem velhos conhecidos. De volta da Itália, chega e integra a orquestra, o senhor Alcindo Paraíso, expedicionário, vigilante do Exército do Cemitério de Pistoia, onde estão enterrados os brasileiros que sucumbiram na Guerra. Sim, 25 de maio de 1946, no dia seguinte faz anos o advogado Mário Melo e Souza, o menino José Resckinho, a menina Russi Maria Rey, não esquecendo que dia 28 será o do menino Gilberto de Sousa Filho. O vento embala a noite anterior quando o Prefeito Romeu Vieira recebe seus auxiliares de gabinete e as senhorinhas Odete Ferreira, Marion Silveira e Yolanda Dias, que se oferecem para servir os convidados. E Gentil Cândido e Judith, no balcão, ficam até que chegue o vento da aposentadoria. E no balcão ensinam a tantos que a vida acaba sendo uma troca, mas que os dois lados devem sair contentes depois da transação.

Tantos são os registros dos ventos: desde “O Morro dos Ventos Uivantes”, de Emile Bronte, “O Tempo e o Vento”, de Érico Veríssimo, sem falar da belíssima canção de Bob Dylan, “Pergunte ao Vento”, e do filme inesquecível chamado “E o Vento levou”. Todos ficaram. Como ficam também os ventos da Vila Formosa. Na ópera podemos ouvir os sons do tenor Pavarotti na ária famosa: “La donna é mobile / qual piuma al vento”. Na antiga música seresteira do Brasil se escuta “vento que balança a praia dos coqueiros”. Houve época em que a Igreja Católica canta que “para mim, o vento que

assobia, é noturna melodia”; Pearl Buck, a grande romancista americana, criada na China, escreve romance que não se esquece: “Vento leste, vento oeste”. Os “Oito Ventos” são as oito condições mencionadas nos dois primeiros versos da estrofe em que Buda ensinou que tais condições são elementos naturais da vida. E a Rosa dos Ventos, de orientação para os navegantes e escoteiros, quando havia navegantes e escoteiros! Yansã, a rainha dos ventos, mulher de Oxalá, Santa Bárbara no sincretismo religioso. Charles Baudelaire, na primorosa tradução do brasileiro Ivan Junqueira, sentencia que “o manequim altivo nas noites de inverno ao vento se balança”. Manuel Bandeira, poeta pernambucano radicado no Rio, soluça assim: “O vento varria as folhas,/O vento varria os frutos,/ O vento varria as flores.../ E a minha vida ficava/ Cada vez mais cheia / De frutos, de flores, de folhas”. A palavra *vento* voou, sem mencionar as metáforas, as pousadas com o nome dos ventos... Chego até a desdizer o início: fiz as pazes com os ventos. Estarão eles varrendo as passagens desta Vila, dessas memórias; como brisas, como sussurros, uivantes sem morros. Começam a soprar na praça Getúlio Vargas, no prédio da loja de Gentil Cândido de Oliveira e Judith Silveira Oliveira, levantam a coleção de moedas e notas antigas do proprietário, embalam a sua bela coleção de armas; vão longe, deixam desassossegados os que dele compram figurinhas e preenchem álbuns e mais álbuns. Trazem a doce lembrança de que, naquela casa, também houve sonhos e ideais de vida de Dé e Hermínia, Dacha e Jussara, Wilson e Isaura Maria, Néilton Nogueira de Araújo, gerente do “Moreira Sallés”, que mora ali há tanto tempo e de tantos outros que ali vivem ou voltam a viver nos sopros imaginários. Sim, os ventos naquele pedaço da praça, ao longo dos anos, não são frios nem perturbadores. Cultiva-se o labor, cultiva-se a jornada, as músicas noturnas surgem envolvendo os telhados, há res-

peito e admiração para todos os que acreditam na prevalência do trabalho e naqueles que, nas noites encantadas, permitem que as cordas e vozes cavalguem formosamente nos ventos alados, voando daquela casa na praça principal onde meus olhos sempre enxergam como a feliz casa de Gentil Cândido de Oliveira e Judith Silveira de Oliveira.

*“O vento se veste de brisa
porque traz a memória de que a
professora ‘A. Dei’ possui cultura
inigualável; talvez é a mais
cultu mulher que pisa debaixo
do arvoredo da praça principal.
Não tem tempo de vida para
contemplar ‘Como era verde o
meu vale’, isto é, ‘como ficou
linda a minha praça’.”*

VENTOS NA VILA FORMOSA

II

A casa seguinte deixo para depois; tanto representa na vida política e social do burgo a residência do médico Emílio Soares da Silveira, que merece pesquisa e mais meditação. O ano é de 1953; talvez seja a mais importante mudança urbanística da Vila Formosa. Memória já lembrada em “Sombras”. Agora, com mais detalhes e, tanto quanto possível, com menos emoção. O Prefeito Pedro Martins de Siqueira, eleito por unanimidade, sem concorrente, decide efetuar radical reforma na Praça Getúlio Vargas, que já se chamou Largo da Matriz, Praça Floriano Peixoto e, com a ditadura getulista, ganha o nome do Presidente. No Brasil todas as cidades devem ter o logradouro principal com o nome do Presidente. Em Minas Gerais, o nome do Governador Benedito Valadares deve ser dado a uma das ruas principais da cidade. Aqui não é diferente. O culto da personalidade percorre todo o país e, em outros estados, o governador de lá também é consagrado, como consta em “Sombras”. Pedro Martins de Siqueira é a figura que reúne unanimidade da cidade. O escritor Nelson Rodrigues escreve bravata ao dizer que “toda unanimidade é burra”. Aqui, no ano de 53, na Vila Formosa, não. Pedro Siqueira é chamado para dirigir a Vila Vicentina, o Clube XV, a EFOA, o América F.C., a Associação Rural, a Santa Casa, a Cooperativa de Crédito, a inspeção de colégios, a Prefeitura Municipal, enfim, se

mostra cidadão bastante útil ao burgo. A visão urbanística do Prefeito respeita a separação da praça principal nos dois segmentos: em frente à Matriz – coloca bela fonte luminosa – onde está até hoje – que causa perplexidade e encanto. Ao seu redor, outra inovação: os bancos de cimento se juntam, não parecem bancos. Os namorados então também se juntam. O local, às quintas, sábados e domingos, se transforma em recanto de pequenas, tímidas e escondidas carícias; ali se enfileiram casais de namorados, um ao lado do outro, a primeira mistura de classes sociais na Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas. Não se importam os namorados que o vento às vezes traga o respingo das águas dos jatos da fonte luminosa. A água pode estar fria nesses respingos. Nada esfria seus carinhos secretos, como se ela fosse “la rosa que engalaña”, como na canção “El dia en que me quieras”. A tradição de namorar ao redor da fonte luminosa persiste até os anos 60 e vai se esmaecendo aos poucos. No passeio, mais em cima, continua a mesma separação e o mesmo hábito: de um lado os homens, de outro as mulheres. Nesse segmento público perto da Matriz, dão intermináveis voltas somente os “remediados” e os “coloreds”, as moças pobres ou de cor. As chamadas “cotas” raciais de hoje podem começar ali. No outro, os brancos e considerados “bem de vida”, as moças de raça branca e bem vestidas. Se no pedaço da praça os “remediados” e “coloreds”, as moças pobres ou de cor dominam todos os espaços, mais embaixo, no mesmo pedaço, não preponderam nos compridos bancos da fonte, onde reinam os namorados, feitos de todas as raças e de todas as classes, misturados, sem olhar para a cor da pele ou à roupa do casal ao lado, pois que o romance mútuo tamborila da cabeça aos pés e as falas deles, poucas, se limitam ao doce futuro que esperam.

Há lances de namorados, risos de namorados, graças de

namorados; na época ninguém conjuga e vive o verbo “ficar” no sentido bíblico de “conhecer”, “possuir”; nos lânguidos namoros, todos permanecem nos atos preparatórios e os que escapam da inocência, sem ou por querer, esses pagam preço alto. A cidade inteira comenta que o namoro é “avançado”. Agora, parece, o verbo “ficar” é amplamente conjugado, vivido e praticado; não há nenhum escrúpulo e nenhuma sensação de culpa. “Ficar” torna-se rotina que não tem nenhuma censura moral. Plenamente aceito por todos, quase todos os que namoram “ficam”. Não há mais no fórum pacotes de processos de defloração, comuns no distante ano de 1953. Também se conhece a classe social das pessoas pelas roupas. Antes da democratização dos trajes, fácil saber se as mulheres que passam são normalistas, domésticas ou prostitutas. A roupa as identifica. Sim, em 1953, há normalistas e prostitutas! Revela também se os rapazes são abastados, estudantes ou pobres. Todos, no entanto, vestem suas melhores roupas aos domingos. Depois da missa das 10 e meia, há o elegante desfile das moças e senhoras na praça. Nem que seja em meia dúzia de voltas, exibem seus vestidos novos e suas lantejoulas à luz do sol.

Na outra parte da praça, o prefeito faz mudança maior: corta o arvoredor centenário, derruba da noite para o dia todas as árvores que fornecem ao espaço urbano áreas de parque, floresta, mata.

Inconformada, a professora Tânit Magalhães Duarte, castiga:

“A alma do cangaço está em moda, na câmara de Tenório, na pena de Rachel de Queiroz e de Lins do Rego, no sucesso da sétima arte, na escultura de Mário Cravo, e no desenho de Aldemir Martins e derivado em nossa terra de maneira civilizada pela destruição de todo um parque.”

Ao que responde o Prefeito:

“Quem se inspira tão bem para corporificar no papel as “virtudes” de um cangaceiro, só pode ter ou possuir “A alma do cangaço”.

A culta professora do Colégio das Irmãs se refere ao deputado Tenório Cavalcanti, que comparece às reuniões com uma capa mal disfarçando sua metralhadora e faz questão de demonstrar que é da Baixada Fluminense; o cinema brasileiro apresenta com sucesso o filme “O Cangaceiro”, com Vanja Eurico cantando “Sôdade, meu bem, Sôdade”; Rachel de Queiroz e José Lins do Rego, escritores nordestinos, marcam a gente do Nordeste nos seus romances. E as esculturas e desenhos são do mesmo tema. Em um rasgo de cólera, desabafa a professora:

“Resta-nos a defesa do perigo de os políticos se reunirem para colocarem o Lídio como prefeito, por unanimidade de votos, pois a educação política de Alfenas é excelente...”

Lídio “Abacaxi”, todas as noites gira sozinho pela praça. Tido mentalmente como “fronteiriço”, às vezes esbarra maliciosamente nas moças que vêm do lado contrário; e ele tem a mania notória de querer ser candidato a prefeito todas as vezes. Em todos os pleitos eleitorais, anuncia sua eterna candidatura e vira figura folclórica e risível. Ninguém o leva a sério.

Revida o Prefeito Pedro Siqueira, no mesmo tom:

“Desejo crer que, quanto à advertência feita aos conceituados partidos políticos desta cidade, representados por pessoas dignas e honestas que sempre pugnaram pelo progresso e grandeza de Alfenas, não formarão fileiras em torno de candidatos ou candidatas que estejam à altura da educação política de Alfenas, porque esta só será aceita se a escolha recair na nobre e impoluta figura de “A. Dei”, candidato ou candidata natural ao cargo de Prefeito na futura eleição, uma vez que se arvorou, de uma hora para outra, qual novo Catão em terras alfenenses...”

Marcus Porcius Cato, conhecido como Catão, o censor, entre outras atividades, dedicou-se a promover a reforma da moral complacente da nobreza romana e a deter o avanço do luxo e da extravagância dos romanos ricos, pregando a austeridade de costumes e o retorno à simplicidade, além de ter atacado vigorosamente os infratores da lei.

Nos campos opostos se situam as pessoas nesse ríspido diálogo.

Mais tarde será preciso reconhecer a felicidade que teve o Prefeito Pedro Martins de Siqueira, pois que a praça se torna formosa e agradável. Dominando, agora, as ONGs e o codicismo florestal, tudo impediria o Prefeito de remodelar a praça da maneira que queria. Da mesma forma, não conseguiria o prefeito Amintas de Barros, de Belo Horizonte, cortar os “ficus” ao longo de toda a avenida Afonso Pena, como fez.

A professora Tânit usa o nome, em suas publicações, de “A. Dei”, *Ancilla Dei*, que, na língua latina, pode ser traduzido como “A Serva de Deus”. Revela nos seus escritos esmerada cultura. Não prossegue a polêmica. Porém, em seus futuros artigos semanais, mostra erudição à vontade, cujos temas, entendidos pelos mais cultos são, sem dúvida, continuação de sua tese sobre o corte das árvores: “Freud Mascarado”, “Imprensa Soberana”, “Uma lição de Deontologia”... todos revivem indiretamente as árvores caídas. O Prefeito Pedro Martins de Siqueira morre quatro anos depois, nas primeiras horas do dia 15 de dezembro de 1957, não mais como alcaide municipal; ela, dois anos do desfazimento de sua amada praça, em 29 de novembro de 1955. Ambos precocemente.

– “Entre as ocupações habituais do lar, lia Vieira, discutia literatura, organizava centros culturais, ensinava, escrevia, estimulava”, diz sobre ela Waldir de Luna Carneiro.

– “Fez erguer magnífica fonte luminosa, sem dispêndio para a municipalidade porque realizada à custa de subscrição

popular que ele próprio promoveu”, – diz sobre ele alguém da época.

-“Nos poucos instantes em que a encontrávamos, presentíamos nela a mulher superior, a mulher útil à comunidade, a mulher de quem Alfenas precisava mais do que nunca”, relembra Waldir de Luna Carneiro.

-“Seria impossível enumerar em ordem cronológica e com exatidão todos os cargos e funções que desempenhou e o fez sempre no alto sentido de servir, de ser útil, de acrescentar parcelas à obra admirável que realizou em prol da terra natal” – diz contemporâneo de Pedro Martins de Siqueira, em emocionado depoimento.

E ambos navegam pelas águas da história local como figuras de extraordinária importância. E com méritos inegáveis.

Cursando o 1º. ano Normal, Elvira Rodrigues Ramos entra na polêmica discussão:

-“Gostavam todos daquele bosquezinho agradável; nem todos aplaudem os que os homens erguem com suas mãos.”

– Como assim, Elvira, como aluna do Colégio das Irmãs, como enxerga tudo?

-“As luzes brilharão nas noites do futuro e o tempo fará com que a população alfenense se habitue a contemplar, indiferente, aquilo que ontem a feriu tão profundamente”.

– Espera aí, Elvira, você está sendo vidente, ou clarividente?

– “A praça estava nua, agora aos poucos vai se enfeitando. São arquinhos, delicados, de contorno moderno, que volteiam, ainda desambientados, os limites dos canteiros, no coração da cidade.” -Elvira, então se conclui que você gosta da mudança?

-“Conquistará a atual praça afeto igual ao que inspirava aquela que foi destruída?”

- Elvira, e a mudança?
- “A mudança radical abalou..”

Igual à música de Nelson Gonçalves, “vestida de azul e branco, trazendo um sorriso franco”, a futura normalista Elvira Rodrigues Ramos fala liricamente ou com expressões gongóricas que “gemendo as árvores tombam uma a uma; Alfenas parece ter trocado o ar de moça recatada e respeitosa; onde está sangrando ainda a cicatriz de um gigantesco tronco, ergue-se a concha” e prossegue na linguagem adjetivada e adoçada de aluna do 1º. Normal a descrição da paisagem como se há devastação de um tsunâmi da Indonésia na praça principal da Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas.

O vento assobia como no filme “O Mágico de Oz”, e a memória de Pedro Martins de Siqueira permanece sem manchas: o bosque, que incomoda tanto as moças quando caem os mandrúvãs, cede lugar a espaço urbano que ao longo dos anos torna-se belo. O vento se veste de brisa porque traz a memória de que a professora “A. Dei” possui cultura inigualável; talvez é a mais culta mulher que pisa debaixo do arvoredo da praça principal. Não tem tempo de vida para contemplar “Como era verde o meu vale”, isto é, “como ficou linda a minha praça”. Equivoca-se a professora? Engana-se o Prefeito? Nenhum dos dois. A pequena floresta pode continuar ou a moderna praça pode ser construída. Na verdade, cambia-se uma beleza por outra.

“Mira, abuelito, el tiempo vuela”. Voam também as ilusões. Os ventos voam também. Corre o ano de 1966: artistas do cinema e da televisão na filmagem de “O Levante das Saias”, de Waldir de Luna Carneiro. Caminham pela praça com as novas árvores já crescidas, poucas, porém dão sombra para Maria Lúcia Dahl, hospedada na casa de dona Lurdes Figueiredo. Sombriam Rodolfo Arena, André Villon, Dinorah Marzullo, mãe de Marília Pêra, artistas do *ancien*

theatre brasileiro que encenam nas ruas e em algumas casas na Vila, que se chama no filme “Palha Verde”. Sim, nesta Vila não há hotéis razoáveis, os artistas estão nas casas. Linda, Maria Lúcia Dahl quase não aparece, não vagueia. Em um sábado à noite, vai com alguns rapazinhos, liderados por um da casa onde está hospedada, no “Menina Moça”, a boate da época, de Maurício Lomonte. E só. Na cena do casamento, empresta-se a ela o sapato da Taísa Elías Vignoli. O vestido? Fica grande o de Taísa, não levou. Maria Lúcia Dahl, discreta na sua estada na Vila Formosa. Os moços da pequena Vila Formosa com o comportamento do filme “Era uma vez o verão”, com medo de chegar perto. Agora, aparece uma atriz da época de “O Levante das Saias”, rodado aqui, em entrevista no programa de televisão, sem beleza e sem encanto, não desperta frenesis. A rosada imagem daquelas noites murcham, agonizam. Lembra-se de Manuel Bandeira: “Foi para vós, que ontem colhi, senhora, este ramo de flores que ora envio. Não no houvesse colhido, o vento e o frio ta-las-iam crestado antes da aurora.” Meu Deus, o vento e o frio crestam a beleza dessa moça? Onde está a belíssima garota que a gente vê sempre de longe na Vila Formosa em 66 e que desperta nos homens alfenenses pecados que jamais repousam? “Ay, chiquito, el tiempo vuela”. Não, no programa de televisão há imitação mal feita de alguém que se diz chamar com o mesmo nome! “Senhora, o tempo foge... o tempo foge”, versos de Bandeira que os homens repetem mentalmente em 1966 quando a veem: “por isso amai-me... enquanto sois bonita”. Esses moços de 66, pobres moços, imaginam que também não seguem a cadência com que o vento e o frio castigam a atriz. Sentem em alguns momentos que não desaparece deles o frescor juvenil. Os ventos também os crestam, os encarquilham, quem sabe deixam mais marcas neles do que nela!? Por um minuto esquecem que “a tudo a idade afeia, sem demo-

ra”. Só se lembram das veneráveis cãs deles ao ouvir a paráfrase do poeta pernambucano. E escutam sibilar o minuano, mas o vento minuano corta no sul; por que sopra aqui? Por que vem de tão longe mostrar que “amanhã já não seremos o que somos hoje?”

“Alguém se lembra de que aos quinze anos tenta versejar: ‘No meu aniversário, não queria beijar a lua, solitário’. Mas, que pensamentos voam, vindos daqueles bancos!!! A morte para ninguém existe; o futuro, ora, o futuro virá: que será, será.”

VENTOS NA VILA FORMOSA

III

6 de janeiro de 1960. Os dentistas da EFOA colam grau, recebem bênção de anéis por meio do Pe. Cornélio Hans durante missa na Matriz. Paraninfo: o deputado José de Magalhães Pinto, candidato ao Governo Estadual. Traz no avião Jânio Quadros. Não se sabe bem por que Jânio vem junto, mas o Jânio vem aí. Então, Jânio vai a todos os lugares. Há mistérios políticos: a impressão é que a comitiva vem, de passagem, deixar aqui Magalhães Pinto, rumo a São Paulo, e os políticos o convencem a descer do avião e visitar a cidade. Não avisam o povo. Todos julgam que haverá comício quando Jânio vir a multidão. Desperta interesse enorme ver de perto a figura carismática de Jânio Quadros.

Subindo a hoje rua Pedro Silveira em direção à praça, Jânio encontra a multidão que o espera. Ouve-se, ao longe, voz amassada, dentro do Ford: “Não falo, já disse que não falo.” Deduz-se que alguém o pede ao “homem da vassoura” e ele, irritado: “Não falo, já disse que não falo”. Adolpho Engel toca o carro mais devagar, a multidão se aproxima, todos sentem vibrações de estarem perto de alguma coisa sobrenatural. A voz, agora mais incisiva: “Engel, toque o carro, já disse que não falo”. O carro segue até ao aeroporto, a multidão desapontada porque desaparece na fumaça da gasolina queimada o reino da felicidade. No avião, os políticos pedem e Jânio redige:

Ao Povo de Alfenas

Vim a esta cidade prestar justa e sincera homenagem a sua população, à dos municípios vizinhos, às autoridades locais, a sua Escola e aos diplomandos e, também, ao grande parainfo, meu amigo Magalhães Pinto.

Desejava dizer algumas palavras aos trabalhadores e ao povo, em geral, mas, em sinal de respeito ao luto do Diretor Paulo Passos da Silveira, prefiro silenciar, nesta ocasião. Neste bendito chão de Minas, labutam pela grandeza da Pátria comum.

Tenho fé nos destinos da Pátria!

Viva Alfenas!

Viva Minas!

Viva o Brasil!

6-1-60.

a) J. Quadros

– Qual é sua declaração espontânea, professor J.B. Pereira Bastos?

– Tive o prazer de ouvir as palavras do Sr. Jânio Quadros, no aeroporto, ao tomar o avião para S. Paulo, momentos após haver eu entregue à sua excelência meu livro “Medicina da Boca”, como modesta lembrança de sua honrosa visita à minha terra natal.

E Jânio, a bordo, tem leitura de livro de Odontologia de João Bastos até São Paulo para se instruir nos ares e avaliar a produção cultural e científica do burgo. A presunção é que lerá até a última página. Lê com sofreguidão a “Medicina da Boca” do professor J.B. Pereira Bastos.

– “Por isso, se Jânio Quadros tem sido grande, para nós outros, tornou-se maior” – continua o autor em seu depoimento. “Fino político e perspicaz cidadão, desejou saber, após o

desembarque, a razão pela qual o Diretor da EFOA foi representado pelo vice-diretor”, conclui seu lógico raciocínio o catedrático. “Levem-me à casa do Sr. Diretor da Escola”, diz Jânio, segundo explica o professor João Bastos.

– “Venho, espontaneamente, trazer a público meu testemunho do que tive a ventura de ouvir, no aeroporto, do sr. Jânio Quadros”, reforça João Bastos sua argumentação para os que não tiveram a ventura e a suprema graça de escutar o “homem da vassoura”.

Jânio volta em 3 de setembro de 1960. Desta vez, acompanhado de Milton Campos e vários políticos, sempre junto com Magalhães Pinto. Então faz comício. O reverendo John Hornick, presbiteriano, filma, no meio da multidão. Pela primeira vez se vê de perto pequena câmera de filmar. Realmente, é multidão. A Rádio Cultura convida seus ouvintes para ouvir a gravação do comício, dias depois. Nas eleições, disputando com o Marechal Lott o eleitorado da Vila que contraria a bola da vez e prefere o simplório marechal a Jânio. Escolhe, no entanto, Magalhães Pinto em vez de Tancredo. Por quê? Não se esquecem, os eleitores da Vila Formosa, de 6 de janeiro, dia em que Jânio os abandona na praça sem falar em palanque?

No Texas, médico brasileiro que reside na América, de meia-idade, recebe outros brasileiros em sua casa. A semelhança física estimula: “-Dr. Quadros, o senhor é parente de Jânio?” A seca resposta confirmando ser primo não encoraja outras perguntas. O parentesco parece não estar incluído no currículo do Dr. Quadros. Pelo menos naquela tarde de 1972, o primo do ex-Presidente da República não dá a menor importância à relação sanguínea.

Pedro Alexandrino Ferreira da Silveira, a cuja família Jânio Quadros rende pêsames pessoais, sob liderança de João Leão de Faria, ajuda a fundar a EFOA em 1914. Autodidata, tem

como único professor um tal sr. Estefânio. Como na Grécia Antiga, Pitágoras, Platão e Sócrates tiveram discípulos, alunos. Estefânio, “homem de valor e culto”, introduziu o menino que veio ao mundo em 26 de novembro de 1877 nos caminhos do saber. Primeiro, farmacêutico prático, depois, dentista. Desta vez com outro preceptor: Joaquim Veríssimo de Carvalho, conhecido como Quincas. De passagem: Alexandre Magno, o grego que conquistou o mundo, teve Platão como seu preceptor. Na reforma Rivadávia, do MEC, há possibilidade legal disso. Ouro Fino tem Faculdade Livre de Odontologia, e lá Pedro Ferreira da Silveira presta seus exames. Anos depois, já professor, no terceiro Congresso Latino-americano de Odontologia, recebe Menção Honrosa pelo trabalho apresentado.

O orador dos formandos do dia 6 é o poços-caldense José Maria de Mendonça, anos mais tarde deputado estadual. Conta ouvinte da formatura que, com elegância, entusiasmo, palavra fluente, o jovem orador sabe dirigir-se com reconhecimento à Escola que ele e seus companheiros deixam; a Alfenas, que recebera a todos com carinho materno; aos professores, que os prepararam para o êxito futuro; aos caros pais pelo triunfo dos filhos, triunfo que mais pertencia àqueles e pelo júbilo do momento; aos queridos colegas que lutaram juntos por um ideal e que partem para caminhos diversos e ao ilustre paraninfo que, com a aquiescência ao convite, dava maior brilho à cerimônia de formatura. Naquele janeiro de 1960, José Maria de Mendonça, ao falar, vê passar, em rápidos quadros, as noites de serestas e galinhadas da Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas, o triênio vivido sob as asas do doce pássaro da juventude.

Elias Ibrahim Nemes e Flamarion Miranda, da Comissão de Festas, em simpático “Agradecimento”, externam sua gratidão a “esta culta e hospitaleira cidade” e dizem que “jamais

vão esquecer a Escola, seus mestres e o povo dessa Athenas Sulmineira”.

José Augusto Filho, que usa o nome artístico de Pelado, no dia seguinte ao do comício de Jânio, diz em tom exclamativo: “No circo há 30 artistas diversos, ótimos trabalhos de pica-deiro, vastíssimo repertório de dramas, comédias e burletas inéditas para esta cidade”.

– E quais são?

– “A Vida Trágica de Chessman”, “Marcelinho Pão e Vinho”, “A Fera da Penha”, O Cavaleiro sem Lei e sem Deus”.

– Também burlescas?

– “Sim, as burlescas provocam riso e zombaria. Há 13 anos que não venho aqui. Tenho grande satisfação de estar novamente nesta cidade.”

– Como se chama o Circo?

– “Circo Índio do Brasil.”

E Pelado se afasta. Caminha pela praça: em 13 anos percebe mudanças arquitetônicas, não vê mais as velhas árvores de parte da praça; não vê mais as 6 palmeiras, a paineira. Não lhe importa: “Sempre amei esta cidade e sempre amei o seu povo”, parece murmurar o dono do circo do Pelado. Sente o que mais tarde lhe será permitido: repousar para sempre na terra da Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas. Está aqui, no Cemitério local. Quis que aqui seu corpo permanecesse.

Muda-se para a rua Arthur Bernardes, 496, o cirurgião-dentista Benedito Ferreira da Silva. Na data do frustrado comício há pouco tempo na chamada Rua Direita: crianças só de manhã, das 8 às 11; os outros, das 13 às 18 horas; atende também à noite. Presidente do Rotary, Presidente da Creche, Presidente do Sindicato Rural, professor da EFOA, dentista da Granja-escola, Benedito Ferreira da Silva dedica grande

pedaço da vida ao burgo. Formado um ano antes da vinda de Jânio Quadros, aqui é chamado também para quase tudo, para servir à comunidade. De 1958 até hoje, presencia a mudança urbana da Vila Formosa, os edifícios chegando, o trânsito piorando, mas continua a profunda afeição pelas nossas cercanias. Naquele dia de Reis em 1960, há 123 automóveis. Caminhões? 139. Motocicletas? 30. O número de eleitores não chegava a 6.000, que iriam escolher entre Jânio, Lott, Ademar de Barros. De 1958 para cá, Benedito tem presença mais do que positiva em nossa cidade aberta; seu destino gruda-se aos rumos da Vila Formosa de São José e Dolores de Alfenas. Ao longo da vida, é cidadão mais do que útil.

Muitos anunciam que vão se casar. São casais de noivos que, em 6 de janeiro de 1960, data em que a igreja ocidental comemora a Epifania, a manifestação de Deus aos homens, os Reis Magos ou, principalmente, as bodas de Caná, os nubentes esperam que as portas do futuro cheguem destrancadas e leves. Colocam em um recanto o mundo inteiro. Encaram de frente e com serenidade os dias que virão. Não está ausente a emoção em nenhum deles; em quem nasce em Macedo de Cavaleiros, lá longe, em Portugal, país onde vivem seus pais, e se casa com Izabel Bruzadelli. Para João Evangelista Borges é o recomeço que culmina em abandonar mais tarde sua atividade de viajante comercial no Brooklin Paulista para o Bacharelado em Direito. O cirurgião-dentista Antonio Trivoli escolhe Maria Colombina Sacksida; Manoel Domingues de Sá Fortes Netto se forma em Farmácia e, bem antes de ser Prefeito por mais de uma vez em Perdões, elege Helena Maria Toledo Vilela, dando sequência ao amorável romance começado nas intermináveis voltas pela praça. É apresentado à tia Elvira Toledo, em uma noite, talvez seu primeiro encontro, tendo um menino curioso ouvindo ao lado.

Os moços, naquele 6 de janeiro, sobretudo os que iam

fazer 16 anos, esparramam-se nos bancos da praça central que acaba sendo o “cartão postal de apresentação” da Vila Formosa, como diz e repete o jornalista Francisco Navarro Prado. De que falam os rapazes? À noite, alguns verão Zé Trindade e Grande Otelo no Cine Alfenas, no filme “Mulheres, Cheguei”. Não é só Jânio que chega. Haverá espaço na fila? Outros comentarão que o Alterosa E.C. venceu, por 7x4, Monte Belo, com gols de Pacini (4), Resckinho(2) e Décio Silveira. Outros, sobre nada, sobre os anos que se arrastam esverdeados. Alguém se lembra de que aos quinze anos tenta versejar: “No meu aniversário, não queria beijar a lua, solitário”. Mas, que pensamentos voam, vindos daqueles bancos!!! A morte para ninguém existe; o futuro, ora, o futuro virá: que será, será. O reino da felicidade pintado por Jânio? Ora, meu pai é quem sabe. Há muitos risos; alguns se apertam na brincadeira da “gata pariu”; outros veem as meninas-moças que transitam, distantes para eles, distanciadas deles. Viajar? Em 6 de janeiro de 1960 não acontece. Em data quase nenhuma. Continuam conversando. “Não é um “dolce far niente” mas não fazem nada, só conversam. A “balada das horas” nada significa. Eles, nos bancos do jardim. Hora de almoçar, almoçar; hora de jantar, jantar. Voltas à noite pela praça? Talvez, para alguns. “As moças não gostam de crianças: para elas quem tem 16 anos ainda é criança” – diz um deles. “Querem homem mais velho”. As meninas-moças, os pais não as deixam sair de casa. Alguns são pobres: demonstram-no pelas roupas simples e gastas. A juventude não esconde sua pobreza. Com exceção de poucos esnobes, os colegas de dezesseis anos não os rejeitam. Inquieta essa falta de dinheiro? Às vezes, mas deixa longe o álcool, a cerveja, o cigarro. Alguns desses desprovidos rapazolas trabalham, não podem permanecer nos bancos do jardim em todos os períodos. Drogas? Ah, o que é isso, remédio? Em 6 de janeiro de

1960 não se conhece e nem se fala em drogas alucinógenas; no máximo, para quem tem condições financeiras, o “fogo paulista”, que provoca embriaguez alcoólica. Os pretensos intelectuais carregam livros para mostrar: não há interesse, não há ambiente para isso. Virão dias, virão horas, é janeiro, férias escolares. Não virão as “andorinhas”, alunas internas do Colégio das Irmãs, em janeiro não fazem os passeios domingueiros em fila; não virão trazendo em seus trajetos desejos e ilusões. Virão cedo ou tarde os ventos na Vila Formosa.

– “Que saco!”

*“É domingo. Os olhos da
meninice se voltam para o Clube
XV e para o velho casarão da
Praça, com as letras de ‘Pensão
Alterosa’, bem grandes, bem
reluzentes.”*

VENTOS NA VILA FORMOSA

IV

Os rapazolas de 1960 usam e abusam do regionalismo “saco”, no sentido de amolação, enfado, chatices; a palavra saía em suas conversas repetidas vezes; na última crônica, no final, é atmosfera juvenil de 1960 que se descreve.

Essa a explicação de findarem-se nela os “Ventos” com a palavra “saco!”

É domingo. Os olhos da meninice se voltam para o Clube XV e para o velho casarão da Praça, com as letras de “Pensão Alterosa”, bem grandes, bem reluzentes. Essa pensão é administrada pelo alterosense Orlando de Ávila Lima. É domingo. No Clube está o engenheiro John Reginald Cotrim. É domingo. Na Pensão Alterosa hospeda-se o Prefeito de Carmo do Rio Claro com sua filha, menina-moça, mais menina do que moça. Ele está ali por causa de Cotrim. No Clube, na frente de deputados, jornalistas e fazendeiros, o Presidente de Furnas tenta relatar e justificar o projeto da hidroelétrica. É domingo. Na Pensão Alterosa, ao longe, os adolescentes de 13 anos pensam que nessa Pensão pulsam os ecos dos versos do pernambucano Manuel Bandeira: “Vejo mares tranquilos, que repousam, atrás dos olhos das meninas sérias. Alto e longe elas olham, mas não ousam olhar a quem as olha, e ficam sérias.” Jornalistas também lotam o Clube. “Diário de Notícias,” do Rio; “Folha de Manhã”, de São Paulo; outros, além do “Binômio”, de Belo Horizonte. Esse jornal mineiro

precede em todas as formas o “Pasquim”. Até no formato. Até no estilo. Nele trabalha o famoso fotógrafo Cocenza, primo do estudante de Farmácia, da cidade de Cristina, Antonio Henrique Cocenza, frequente e brilhante em nossas rodas e hoje conceituado advogado e professor da UNIMEP, universidade de Piracicaba. O jornal carioca “Pasquim” vem anos mais tarde e é marco no jornalismo brasileiro. O Presidente de Furnas e o auditório ouvem, no domingo, a peroração do jurista Noé Azevedo, que propõe e opina favoravelmente sobre eventual mandado de segurança (!) contra o Governo Federal, pois que, segundo ele, o Direito não admite interesse social contra interesse social. Argumenta ele que a violência ao Direito tem regido as desapropriações no Brasil — e leva o auditório ao delírio. Sua autoridade como jurista faz todo mundo se esquecer de seu estreito parentesco com os proprietários da Usina Ariadnópolis, de Campo do Meio, que será quase totalmente inundada pela represa que se pretende construir. A palavra *furna* significa cavidade profunda na encosta de uma rocha. Há várias cavernas, grutas, na área a ser inundada, então denominada Furnas. Oscar Correa, o pai, depois Ministro do Supremo Tribunal Federal; Geraldo Freire, depois Líder todo poderoso do Governo Costa e Silva; o engenheiro Hélio de Almeida, depois Ministro da Viação; o famoso advogado dorense Oliveira Naves, todos e mais alguns, em discursos em tons variados, às vezes sarcásticos, violentos ou agressivos contra Cotrim, contra Furnas, contra a CEMIG, oferecem a ilusão de que pode ser interrompida a construção projetada. A plateia aplaude. Cotrim esclarece que a barragem será feita por etapas, em sete anos, no máximo; que os municípios serão compensados; que a barragem é a solução ideal para o Brasil. Poucos aplausos. Há perceptível esperança flutuando de que essas águas não vão rolar por aqui e que a hidroelétrica não passa

de sonho de uma noite de verão. O diapasão dos oradores é um; o do engenheiro, em outra escala. Não usam o mesmo código linguístico. Na visão do engenheiro, prevalentes os aspectos técnicos; no timbre dos discursistas, teses jurídicas empoladas e de difícil entendimento, quando não estranhas; nas discurseiras predominam metáforas sentimentalistas, conotações político-partidárias, apelos emocionais. Nada que impressione ou convença o frio e impassível engenheiro de Furnas, em uma época em que a engenharia é gelada, distante de problemas sociais e de misérias. Estimulada, a plateia endoidece, transpira ódio contra Furnas, contra o Governo, contra Cotrim, contra todos aqueles que acreditam que chegará o dia em que os rios vão ser represados. O Dr. Antonio Fonseca da Silva, presidente da Câmara Municipal de Guapé, transmite ao auditório de modo dramático o pânico da sua gente. Guapé inundada quase por completo. Faz a plateia respirar desespero, sufoco; parece que se vê a população se afogando, o grande dilúvio de Furnas rondando o burgo. Todos clamam, reclamam. Contudo ninguém propõe objetivamente investimentos compensatórios em ferrovias, em estradas asfaltadas, em escolas. Todos acreditam que o convulsivo e barulhento lamento impedirá o surgimento do lago de Furnas. Talvez quisessem o soluço dos escravos hebreus memorado na ária de Verdi, o *Va pensiero*. Alguns querem disfarçar a perplexidade: 24 de fevereiro de 1957, o presidente da República é mineiro, do partido majoritário. Como pode?! Os dos partidos de oposição não escondem sua satisfação: o desgaste político do governo é inevitável, pensam. A represa? Não virá, não virá... Tendo como fundo a Pensão Alterosa, nesse domingo há poética e inocente poluição imaginária que os rapazolas de 13 anos remetem para lá: “Em que pensais, meninas, se repousam / Os meus olhos nos vossos? Eles ou-sam / Entrar paragens tristes de tão sérias!”, repetindo a voz

distante de Manuel Bandeira.

Somente em 1962, cinco anos depois das palavras de Cotrim, com o anúncio da paralisação da ferrovia, com as águas que sobem, a consciência se plenifica na cortina que se abre desvendando para tantos a realidade de que a represa chega para não secar. Dificilmente hoje seria Furnas construída como foi: a prevalência das regras do meio-ambiente tocariam sua sinfonia. Fauna e flora ignoradas, nenhuma preocupação com o impacto ambiental. Cidades de certa importância urbana inundadas totalmente – como Guapé – importância que pode ser medida porque é, na época, Comarca de 2ª. Entrância, quando há, no Estado de Minas, só 3 entrâncias. A escritora Rachel de Queiroz, em sua página da revista O CRUZEIRO, escreve comentários nada simpáticos a Guapé, a cidade submersa. Gera protestos dos guapeenses. Como nordestina, a escritora revela seu entusiasmo pelas águas e compara o impressionante volume diluvial com a seca do seu Nordeste, a aridez dos pastos, o leito poeirento dos rios de arremedo. Uma vez, em praça pública da Vila Formosa, Jânio promete ao povo ferrovia eletrificada, com a energia de Furnas. Dois anos depois desse discurso eleitoral: trilhos vazios, alguns quase sendo encobertos pelas águas, a ferrovia acabada. As setas desfechadas contra Furnas visam somente ao seu fracasso. A falta de repercussão nos lamentos e o desprestígio ou desorganização dos homens da política da região permitiram que Furnas fosse construída como planejada e, anos depois, levantado o nível de água que ela julgasse necessário. O “apagão”, décadas após, equivocadamente justifica a construção da represa, do modo como foi erguida. Engano. O que a geração política dominante da época não percebe – ou é impotente – é que a represa é inevitável, mas alguns investimentos de Furnas devem aportar de roldão. Os homens da política da época não têm

força para isso, para propor e conseguir a contrapartida. No final da inundação, querem-no mas não são ouvidos. Virão Grupos de Trabalho, Comissão Parlamentar de Inquérito. Os investimentos não chegam. Caem migalhas que as prefeituras recolhem avidamente. Nenhum grande gasto em infraestrutura, em ferrovias, em meio-ambiente, nada. Apenas ou a adesão dos agressores de ontem, concordando com os justos preços da indenização, ou a nomeação de chefes políticos regionais para conselhos da sociedade elétrica, conselhos que, desenhados por Furnas, não decidem nada... Perde a região a oportunidade de desenvolver-se à custa de suas terras ficarem debaixo de água. Hoje, ao enxergar a lâmina de água, não se vislumbra nem de longe o que há debaixo. Perde-se a chance de trocar terras alagadas por investimentos em ferrovias e rodovias porque acreditam naquele fevereiro de 1957, ou seja, que a represa permanece apenas na prancheta de John Reginald Cotrim, norte-americano-brasileiro que veio à Vila Formosa e, no Clube XV, escuta sem emoção o palavrório de políticos, juristas, fazendeiros e demais pessoas gradas que postulam, com ranger de dentes, a não construção da represa de Furnas.

– Sua opinião da reunião, Waldir?

– O engenheiro ouviu tudo, seco e frio como um isolador. A eletricidade, pelo menos no domingo passado, estava com o público.

– Muita ilusão?

– A ideia de que Furnas fará brotar em Alfenas quinhentas fábricas é tão ridícula como a ideia de que se tivermos um curso de filosofia, todos os nossos filhos serão filósofos.

– Quando vemos, agora, um frade em greve de fome interromper a divisão das águas do Rio São Francisco...

– O homem que calcula, o técnico, é amoral. O engengei-

ro só tem um sentimento: o do domínio do objeto. E é esse domínio que produz nele aquela estranha atitude – que levou um dos ouvintes a chamá-lo de “ferro elétrico” – causadora do seu singular embaraço diante de nossos problemas morais.

E conclui Waldir de Luna Carneiro:

– Improficuo, portanto, todo aquele debate no domingo.

À noite, no Cine Alfenas, “Renúncia ao Ódio”, com Van Johnson. Domingo próximo, Rossana Podestá, na noite de 2 de março de 1957, surgindo na tela do Cine Alfenas como Helena de Troia. As glândulas e hormônios funcionam a todo vapor. A bela atriz italiana na projeção nasce para “lustrar pecados que jamais repousam.” A luz se apaga no quarto da Pensão Alterosa. As glândulas vibram, a mente irrequieta e inocente de quem tem 13 anos em 1957 se divide entre Rossana Podestá e a luz apagada da pensão. Tudo misturado. Está longe John Reginald Cotrim. Nunca mais virá aqui, à Vila Formosa. A represa nem sequer é imagem. Rossana Podestá é imagem, a penumbra da pensão é imagem; o barulho das vozes no Clube soa longínquo, um tanto inexplicável; em fevereiro de 1957 a ovação, o protesto, os discursos inflamados afagam a contida rebeldia da adolescência que começa. No entardecer, em outros tempos, ao se deparar com a imensidão do líquido represado, não mais se ergue a mortíça lembrança do domingo no Clube XV, da Pensão, do Cine Alfenas, de Rossana Podestá, da filha do Prefeito de Carmo do Rio Claro, que se vê ao longe e se imagina perto. Na leitura paroquial ressoa somente o vento modulando a lição do Gênesis de que o espírito de Deus paira sobre as águas.

“E a ilusão-presença do personagem do romance de Érico Veríssimo voa comigo a São Paulo, repetindo como esse escritor que marcou os anos juvenis. ‘Sempre quando acontece alguma coisa importante, está ventando. Noite de vento, noite dos mortos.’”

VENTOS NA VILA FORMOSA

V

“Buenas e me espalho, nos pequenos dou de prancha e nos grandes dou de talho.”

E a ilusão-presença do personagem do romance de Érico Veríssimo voa comigo a São Paulo, repetindo como esse escritor que marcou os anos juvenis. “Sempre quando acontece alguma coisa importante, está ventando. Noite de vento, noite dos mortos.” Aconteceu-me alguma coisa importante, sim, mas não venta; não ao luar de agosto. A noite limpa permite voo sereno do helicóptero trazendo passageiros nervosos. Se não venta, se não esfria, deve acontecer alguma coisa importante, segundo o romance! Concluo então que resta a noite dos mortos na imagem do escritor gaúcho. É o que diz o romance. Dentro da cabeça, bem dentro da minha cabeça, o atheroma parece gargalhar ao ver as mais mãos que acariciam as minhas. Vem a canção popular, antiga:

“Meu coração é mesmo sem juízo,
Meu coração às vezes me entristece,
Meu coração parece
que não gosta de mim..”

Algumas nuvens dentro da noite. De vez em quando há o sussurro da memória da realidade que virá: será preciso aprender a andar, a comer, a escrever. Estranho que, diante dessa tragédia particular, não havia vento, nem minuano gelado, frio, gemendo na escuridão. Por quê? No luar de agos-

to brota gigantesca lucerna nos doces olhos da senhora que conversa com a velha Bibiana, ela, sim, a personagem de Veríssimo, voando também entre as nuvens. E conversam as duas senhoras. Uma das velhas senhoras, com voz serena, diz a dona Bibiana que esta noite não será a noite dos mortos: a nave voará sobre os telhados, sobre os altos edifícios, o médico amigo estará esperando. Para dona Bibiana segreda que cantará canções de ninar envolvendo os ateromas que ficam tontos e embriagados. Esses malvados lípidios rugem, fogem aos primeiros acordes. Esta noite não será permitido o baile dos ateromas, nem o rodopio do minuano gelado porque a senhora ao lado de Dona Bibiana não permite a dança. A senhora não é a dona dos anéis. Tem, ao lado, luz, ternura, calor. Sabe que desta vez o filho não lhe pediu o presente agora dado. Não tem os anéis, mas rechaça os avanços dos depósitos lipídicos, manda embora a aterogênese cruel e impassiva que ronda.

Ao rugir, a velha senhora soa com raízes de fortaleza. Resurge de súbito o verso de Drummond, em hálito quente e amorável: “Recebe com simplicidade este presente, merecete viver mais um ano”. Não esquecer de Nietzsche? “O que não me mata me fortalece”. Sim, o último dia do ano, o último dia-tempo, o último dia da vida será sempre recebido com extrema simplicidade. Tudo foi um prêmio. Se no minuto fatal desaparecerão o valor e o brilho” do poeta inglês Kipling, não faltará o regozijo alegre do dom divino da sinfonia de Bethoven musicando a letra do poeta alemão Schiller.

Não se pensa nem se teme julgamento, cobranças. A cantiga da velha senhora afasta acordes desagradáveis. O coração apalermado sabe que essa doce cantiga vai deixar bem longe a dança cruel dos ateromas que se retorcem, inconformados, sem ritmo, mas sempre ameaçadores. Não venceram.

Longe do estoicismo, distante do sofrimento, as tragédias

pequenas e grandes quedam-se ao arrepio da lei moral no céu estrelado. E se quedam mais aos sons. Quais? Será violino? Harpa? Viola de gamba? Alaúde de faia? Coro dos querubins cantando acima da pauta?

Em um segundo transformam o último ato em penúltimo e o presente é recebido com simplicidade.

Verdade que chegam memórias subterâneas dominando estertores que se recusam a ceder. No entanto, “ali dançaram tanta dança que a vizinhança toda despertou, e foi tanta felicidade que toda a cidade se iluminou”, “tantos gritos roucos como não se ouvia mais,” que a Valsinha de Chico Buarque e Vinicius de Moraes passou a ser o hino que substitui Jeanette MacDonald na antiga canção “Oh doce mistério da vida”, que sempre entoávamos no rancho das cachoeiras. Não foi, contudo, a melodia de MacDonald que musicou a partida. “Deixa a vida me levar. Ora, leva eu!” foi a canção que embalou a entrada dos desassossegados passageiros no helicóptero, porque alguma coisa antecipava o canto da velha senhora, ária que viria deixando inaudível o resmungo da velha Bibiana.

A cadência que fica cada vez mais clara na volta para a vida às vezes emocionou. Parecem pensar os passageiros: “Por que chora, discretamente e tão de manso, o homem na aeronave?” Porque ninguém vê o colo, o regaço, o embalo. Ninguém vê a nave singrando embalada com melodias inefáveis. E a vida volta quase inteiramente. “Por que chora, discretamente e tão de manso, esse senhor?” Seu quase imperceptível soluço aflige os passageiros. Ele chora sem barulho porque a velha senhora traz de volta a vida. E traz de volta com melodia, com cantiga mais pura do que o embalo de um berço. Na conversa de dona Bibiana, a velha senhora faz a regência do destino. Ela pode fazer isso? O fulgor próprio, brilhando na velha senhora, ensina que a regência de todos os

compassos lhe foi permitida. Ensina novamente que “não há melhor resposta que o espetáculo da vida”. Essa permissão repete a ele que “os bosques são belos e profundos, mas há muita coisa a fazer antes de poder dormir”. A velha senhora afastou os bosques belos e profundos que o queriam arrastar no sono. E o filho, vendo, emocionado, a velha senhora que dava ordens para dona Bibiana e para o silêncio dos lípidios, lembrando o pensamento de Santo Agostinho de que “se o nosso coração vier a censurar-nos, Deus é maior que nosso coração”, vendo o filho que a velha senhora voando ao lado de Dona Bibiana era Dona Alzira, continuou ele a ser sereno e pequenino como grão de milho.

“Meu Primeiro Amor’, ‘Noites do Paraguai’, ‘Índia’, ‘A Flor do Cafezal’: Cascatinha e Inhana, em vozes bem afinadas, lançam a nostalgia e a melancolia de suas canções por entre as lonas... E eles cantam por várias noites na Vila Formosa de São José e Dolores de Alfenas, no circo de zircos e lonas, na praça empoeirada.”

VENTOS NA VILA FORMOSA

VI

Há som de gaita. Encostado, na roda, algumas garrafas vazias de cerveja. Luiz Adel Lelo sopra o que chamam de harmônica de boca e centraliza funcionários do Banco do Brasil. E toca. Janeiro de 1964: publica-se o edital de seu casamento com Jane Foresti. São de Varginha. Os sons de sua gaita de boca percorrem ruas silenciosas, desafiando o tempo, trazendo sua imagem, trazendo a imagem de sua bela esposa. Além gaita de boca nada mais importante precisa ficar ressoando no repouso sereno e eterno dos dois; algo que não é concertina, não é instrumento de fole, porém ficará algo que vem do sopro, do ar, como zéfiro, como aragem e se reproduz em um instante que não é muito breve. Luiz Lelo e Jane ficarão na memória desta Vila por tanta coisa boa. Todavia, nada traz tanto deleite como a gaita dele no fundo da noite alfenense.

No mesmo mês do noivado de Lelo e Jane, Cascatinha e Inhana instalam seu circo, onde se ouvem suas nostálgicas e agradáveis melodias. O local se chama Praça Minas Gerais, depois batizado como Rachid Saliba. “Meu Primeiro Amor”, “Noites do Paraguai”, “Índia”, “A Flor do Cafezal”: Cascatinha e Inhana, em vozes bem afinadas, lançam a nostalgia e a melancolia de suas canções por entre as lonas. O povo não comparece em massa. No circo, entre as duras tábuas da arquibancada, o casal entoa suas conhecidas cantigas. Suas

vozes, agora, quarenta anos depois, são valorizadas. Em 1964 não são admiradas pela classe alta, nem pela média; a classe média-baixa às vezes se envergonha de confessar que adora o repertório de Cascatinha e Inhana. E eles cantam por várias noites na Vila Formosa de São José e Dolores de Alfenas, no circo de zircos e lonas, na praça empoeirada.

Chega janeiro: Francisco dos Reis e Silva, Tite, ex-vice-prefeito, despede-se desta “bendita terra”, “onde passamos os dias mais felizes de nossas vidas”. No passado, muito cedo, vai para a capital paulista, onde se enriquece no ramo da construção civil. E volta, anos depois. Vai agora para o bairro de Pinheiros e, depois, para o Estado do Paraná, onde possui fazenda. Como não poderia deixar de ser, assume o diretório político do PTB e, antes da famosa Lei Afonso Arinos, em algum ano antes de 64, acredita que não terá problemas em fazer visita cordial com sua turma de foliões ao tradicional Clube XV de Novembro, em pleno baile carnavalesco. Em vão. Nem sua riqueza, nem seu prestígio político venceram o preconceito enraizado. Em uma sociedade bastante fechada e arraigada por demais nas tradições, os “whites” do Clube XV não toleram que os “coloreds” se misturem com eles, ainda que em algumas voltas no salão. Contando agora, é risível, mas estamos em 1964: em pleno 1964, os preconceitos e as regras da linha divisória entre ricos e pobres, brancos e pretos são rígidas. E inflexíveis. O pior: o cultivo da tradição do nome de família como se fosse um passaporte que abraze e feche portas, prepondera como regra geral. As normas dessa sociedade às vezes são transgredidas. Quase sempre, no entanto, prevalecem. Alguns resquícios são vistos até hoje, mesmo quando a riqueza rural já se desagregou e a prosperidade, fruto do comércio desapareceu; alguns ainda querem ressuscitar a antiga hierarquia piramidal do velho Clube XV e olham com indisfarçável rancor os que subiram degraus mais

altos. Para eles, não deveria ter oscilação pendular. Não deveria haver migração: as posições piramidais seriam estáticas. Inconformados, recebem como usurpadores os de posição mais alta, porque alteram o desenho da pirâmide sonhada por eles.

Em 1964, no Bar de Maurício Lomonte, comemoram 15 anos de formados, dentistas e farmacêuticos da EFOA. Estiveram aqui nos 10 anos de formatura e voltam, agora, dentre eles Júnio Amarante, Wálter Pereira, Antônio Francisco Passos de Paula, Benedito Rabelo, saudados pelo então estudante de Farmácia Arildo Bueno Rocha, professor de latim no Estadual. Todos discursaram, sem contar Maurício Lomonte: este “relembrando com bastante emoção aquelas noitadas de outrora” e o jovem e precoce Diretor de “O Alfenense”, que, quase estreante como vintenário, se reunia na mesa com os que, hoje, fariam 57 anos de formados.

O arquiteto e urbanista Radamés Teixeira da Silva não se conforma: “Os alfenenses da geração atual barataram os espaços livres – parques e praças – de Alfenas.”

O professor Radamés, no longínquo ano de 1964, parece imitar São João Batista, “a voz do que clama no deserto”.

Culto e de conversa agradável, o conterrâneo que dá aulas na UFMG não se conforma com falta de cuidados que nor-teia os avanços urbanísticos da Vila Formosa.

– Por que essa acusação?

– A praça da Bandeira (hoje Emílio Silveira) acha-se reduzida à quinta parte de seu espaço primitivo. Lá se fez um grupo, uma prefeitura, uma rodoviária. O que se deveria fazer era seguir a lição dos nossos antepassados – desapropriar novas áreas para nelas executar as obras que se façam necessárias.

Imagino o imenso bulevar que nasceria, a grande área pú-

blica, se tivessem seguido o desenho da urbe primitiva: não existiria o “Cel. José Bento” nesse quarteirão, nem o prédio da Prefeitura, nem a feia e desajeitada rodoviária seria ali construída. Ainda mais: as duas ruas, Cônego José Carlos e Laurindo Ribeiro, planejadas para serem largas, tiveram até a alguns anos os prédios todos recuados, inclusive o Clube XV antes da reforma. Essas ruas, aos poucos, foram se estreitando, estreitando...

– “Na praça da caixa d’água (onde fica a Praça de Esportes e Delegacia de Saúde), também se cometeu erro idêntico”, lamenta o professor Radamés. “Por que não se deixou aquela praça livre e não edificaram a Praça de Esportes em outro local?”

Os conceitos do arquiteto e urbanista sobre as décadas de 30 a 60 são duros e implacáveis: “As gerações vindouras, quando restaurarem nossa história, terão o direito de considerar o período das décadas de 30 a 60 como o período medieval da história da cidade”.

– Professor Radamés, o senhor quer dizer com “medieval” em sentido pejorativo, como aquilo cujo caráter evoca o pensamento e os costumes da Idade Média?

– “O que se condena é a mentalidade predominante na geração de executar, nas áreas públicas já existentes, obras ou equipamentos urbanos”.

Lembro-me bem de quando o jovem arquiteto Mauro Paulino da Costa estende a planta baixa do hospital que imaginara, para que grupo de profissionais e não profissionais a examinem. Quando disse e mostrou o “heliporto” (sim, a casa de saúde teria helicóptero) vários risinhos disfarçados de alguns da roda desacreditam, porém não confessam publicamente sua descrença, buscando tapar sua visão estreita e acanhada. Hoje, quando percebem as pás voadoras que muito

logo estarão transportando os transplantados para o HUAV, será que não aceitam se curvar ao visionário Mauro Paulino da Costa? Ou o sucesso alimenta sua baba raivosa por alguém que enxergava o futuro? Pensam “pequeno”, sonham “pequeno”, planejam “pequeno”, fazem tudo “pequeno” e, quando Mauro Paulino da Costa lhes mostra algo avançado, reagem com inércia “grande” mas com mentalidade “pequena”.

Radamés, no ano de 64, chama a atenção para a “oportunidade de redenção” que é dada ao se preservar os terrenos da faixa da antiga linha férrea. Preservam o leito, mas não nos moldes que Radamés deseja. Com visão além de seu tempo, planeja a “operação Riviera”, não executada pelo Poder Público. Nessa “Operação”, haveria avenida contornando a represa, às margem do imenso lago de Furnas, termina onde hoje é o Yate Clube. Retifico: a visão urbanística e o entendimento social do professor Radamés não estão além de seu tempo; os administradores públicos de seu tempo é que estão aquém. Nos saudáveis tempos antigos o prefeito era denominado agente do executivo, e os vereadores “os homens bons” do município. A diferença, fundamental e sutil, dentre outras coisas, pode ser debitada à involução social, jamais às pessoas; essas quase sempre deram o melhor de si. As pessoas foram fruto do “gestgeist”.

Como cavaleiro solitário, Radamés, ao longo de várias décadas, brande seu cajado para que a formosa vila, chamada de Vila Formosa, não desfigure seu belo traçado. Quase sempre os seus conterrâneos não o compreendem. Às vezes consegue algumas vitórias. Às vezes impede aberrações na área do meio ambiente ou testemunha o aparecimento de legislação federal exatamente como pregava. Voz que clama no deserto? Talvez. Mas o clamor foi sempre coerente. E seu clamor (e o seu amor) se dirige sempre para a Vila Formosa de São

José e Dores de Alfenas. Ele a quer sempre bela, bonita e formosa.

“Naquele janeiro de 1963, diante do presépio e da pureza simples, sentindo calma e tranquilidade, o que estará destinado a cada um de nós nos belos dias do amanhã?”

VENTOS NA VILA FORMOSA

VII

“Fechar aspas”

Assim o jornal local registra que a represa finalmente começa a subir. O dia é 13 de janeiro de 1963. Nesse momento o espírito de Deus não pára sobre as águas para os que não acreditam que “as águas vão rolar”. Soube, agora, graças à boa memória de Haroldo Engel, que, na famosa reunião de 1957 o engenheiro Cotrim, presidente de Furnas até morrer, emite opinião que não o deixa bem perante a história: ao responder negativamente se Furnas propiciaria eletricidade à gente da roça, respondeu: “não, fazendeiro só quer eletricidade para ouvir novela de rádio”.

O início de janeiro não fica só atolado com a represa; há o concurso de presépios. Os vencedores são Leila Maria Dias, Juvercina Maria de Jesus e Anésia Ribeiro. O nome de Juvercina perde-se na memória. Leila Maria Dias talvez nem se recorde mais do labor de montar as imagens da manjedoura cercada de bois, naquela silenciosa rua Tiradentes, onde ainda reside. O concurso traz evocações de dona Anésia. Na rua 7 de setembro, 56, permite aos representantes do Lions, João Lemos Salgado, Nelson Cavalcante e este escriba que visitem sua casa recuada e apreciem sua arte de reunir os reis magos, os carneirinhos, diante do Infante, em volta do Recém-Nascido, em um espaço de poesia que acena belos dias para o amanhã de cada um de nós. Dona Anésia cultiva a arte de

fazer presépio e coloca nele ternura que envolve todos os que veem a paisagem rural em miniatura. Naquele janeiro de 1963, diante do presépio e da pureza simples, sentindo calma e tranquilidade, o que estará destinado a cada um de nós nos belos dias do amanhã? Leila cuidou da mãe doente até o fim; filha de Tílinho, Gentil Pereira Dias, acha graça quando no programa da Rádio Nacional, “Seu Criado, obrigado”, César Ladeira responde às perguntas e informa aos ouvintes que o nome Leila vem do árabe, e significa formosa. Dona Anésia cuida de Nicolau Ribeiro com carinho, até o fim. Nesses presépios os adultos se aquecem e o rapazola de 19 anos também adquire calor imaginando as invisíveis montanhas do amanhã.

No mesmo dia em que Leila, Juvercina e dona Anésia dominam os presépios, o poeta alfenense José de Ávila desaba-fa, desconsolado:

“Longe é um país que não existe”, o título do livro, de que não sei o autor e que foi editado bem depois do lamento do bardo alfenense. No mesmo dia 13 de janeiro de 1963, a cronista social escreve: “Enquanto o (fulano) fazia um bonito discurso de formatura (vai longe o moço)”..., a premonição de July envaidece quem ainda está nos 19 anos e que também sabe que o que importa ao coração não é chegar, mas querer chegar.

“Perto de Munique, estamos em Dachau, o ano é de 2006. Há árvores, muitas árvores, quase toda a vegetação dos tempos do nazismo permanece no intuito de que a área tenha aparência bucólica. Com sua água cristalina, querem que o regato que cerca o primeiro campo de extermínio contruído pelos alemães faça esquecer a corrente sanguínea, sem sementes, que jorrava naquele sítio...”

VENTOS NA VILA FORMOSA

VIII

Perto de Munique, estamos em Dachau, o ano é de 2006. Há árvores, muitas árvores, quase toda a vegetação dos tempos do nazismo permanece no intuito de que a área tenha aparência bucólica. Com sua água cristalina, querem que o regato que cerca o primeiro campo de extermínio contruído pelos alemães faça esquecer a corrente sanguínea, sem sementes, que jorrava naquele sítio nos anos 30 e 40. Poucos visitantes. Há silêncio estranho. Aqui reinam o sofrimento e a morte, não como libertação, mas como estigmas. As fotos do museu perturbam. Há vasilhas guardadas e expostas, nas quais se alimentavam os prisioneiros. Rústicas, pequenas. O campo de concentração foi mantido quase todo: os fornos crematórios intactos parecem crepitar na ativa para o visitante. A lembrança de que, daqueles fornos, milhares de corpos saíram tostados provoca náuseas: um jovem casal se abraça, a moça chora nos braços do rapaz silenciosamente, por longo tempo. Tiveram parentes ali? Há capelas. Vimos três. Ninguém quer rezar. O menino de seis anos indaga do avô, ao ver as fotos dos prisioneiros: “São do Mal?”– Não, são do Bem. “Então por que estão presos e se vestem com roupas de presos?”– Porque Deus não estava aqui! O menino não entende, é claro: a frase, recente, é do Papa Bento XVI ao ver o campo de concentração na Polônia. Aqui, na Vila Formosa de São José e Dolores de Alfenas, o dia 8 de maio de 1945 começou cedo, sem a mesma pretensão do jornal de Ubá, que

clamava na mesma data: “Bem que avisamos ao senhor Hitler para que não invadisse a Polônia”. Aqui, na Vila Formosa de Alfenas, “as comemorações tiveram início às nove horas da manhã com a celebração de solene missa e “Te Deum” em ação de graças na matriz local, com assistência de grande massa popular e de estudantes de todas as nossas escolas primárias, secundárias e superiores”. Às quinze horas, em frente ao Clube XV, “gigantesca concentração popular” saudava o fim da 2ª. Guerra. O Dr. Wagner de Luna Carneiro, depois de um minuto de silêncio em memória dos soldados mortos, lembra a figura de Roosevelt, “o arquiteto da Vitória, mas que se conservava vivo ainda no coração do homem livre”. Vários oradores ainda falaram: Roque N Tamburini, Alexandre da Silveira Mariano, Geraldo Wenceslau da Silva Diogo, Lucas Bento da Fonseca, Maria da Conceição Carvalho (Zinica) e o jovem colegial Milton Reis, depois deputado federal. Não parava nisso o contentamento dos alfenenses da época: bailaram até ao raiar do dia. Todos se abraçavam porque a guerra acabara. Os soldados alfenenses – chamados “pracinhas” – seriam recebidos com louvor e atmosfera de heroísmo. O programa, “delineado”:

“RECEPÇÃO EM GASPAR LOPES, pelas autoridades federais, estaduais e municipais, representantes de nossa sociedade e de famílias dos expedicionários, em, pelo menos dez automóveis, sendo designado um para cada expedicionário.

ENTRADA DA CIDADE pela Avenida Governador Valadares, fazendo-se o trajeto à pé, pela Rua Coronel Laurindo Ribeiro, ricamente ornamentada, até o grande palanque na Praça Getúlio Vargas.

BOAS-VINDAS da cidade de Alfenas aos seus valorosos filhos, pelas palavras de diversos oradores, representando os poderes, o povo, os estabelecimentos de ensino, os atiradores

de E.I.M. 113 e as diversas representações de classe. Queima de fogos e números executados pela banda de Música da 8^o. B. C.

No dia seguinte, que será decretado feriado municipal, as festividades constarão de:

ALVORADA pela banda musical e vinte e uma salvas de baterias em honra aos heroicos soldados da democracia.

SOLENE MISSA CAMPAL no jardim de inverno da Praça Getúlio Vargas, em altar ricamente ornamentado, celebrada pelos rvmos. Sacerdotes desta paróquia e explicada em irradiação pelo competente locutor da Rádio Vera Cruz, em altos falantes.

GRANDE DESFILE pelas ruas da cidade, onde formarão os expedicionários, os atiradores da E.I.M.113, os alunos da Escola de Farmácia e Odontologia, do Colégio Municipal de Alfenas, do Ginásio e Escola Normal Sagrado Coração, da Academia de Comercio “Leão de Faria”, do grupo escolar Minas Gerais, do Grupo Escolar Coronel José Bento, os atletas de nossas organizações esportivas e representantes de nossas vinte escolas rurais.

INAUGURAÇÃO do OBELISCO na Praça da Bandeira, marco simbólico de nosso reconhecimento e de nossa perene admiração àqueles que lutaram ao lado das gloriosas forças anglo-americanas, em defesa da liberdade dos povos.

CHURRASCO POPULAR, no mercado municipal, em homenagem aos expedicionários e suas famílias.

SESSÃO CÍVICA no Clube XV de Novembro, onde, além de diversos números lítero-musicais, os expedicionários receberão medalhas comemorativas de seus feitos, doadas pela sociedade alfenense.”

Nos dias cinzentos que varriam a Europa combalida e arrasada, a vida aqui parecia serena e tranquila para muitos.

O alfenense Antônio Carlos Ferreira, morando na época no bairro do Flamengo, no Rio de Janeiro, oferecia à gente da terra artigos “das melhores praças”. Roque Lucas de Siqueira, que mais tarde teria famoso bar na cidade, junto ao Hotel Paraíso, manda recado mais do que curioso: “O sr. está precisando de um caminhão para fazer o seu carroto? Ora, não precisa pensar muito! Toque o fone 52 e será atendido imediatamente. Condutor: Antonio da Ana.” José Maria Rabelo, mais tarde atuante no jornal “Binômio” de Belo Horizonte e depois companheiro do exílio de Governador Arraes, em Paris, durante a guerra versejava: “Mulher, o ardor ébrio do teu peito/ o brilho belo do sorriso santo/ e o teu traço de teu rosto tão perfeito/ fizeram despertar um ódio tanto / que até a própria rosa de despeito/ deita a teus pés e louva teu encanto!” Tudo isso se passa na Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas em 8 de maio de 1945. Tudo parece tão distante de Dachau. Os próprios soldados da cidade iriam chegar no embalo de bailes, discursos e festas. Ao povo que não foi, o caminho de Monte Cassino não teria passado de um convés-cote. Nessa atmosfera o engraçado anúncio em linguagem oral de Roque Lucas de Siqueira e a pungente lírica de José Maria Rabelo, este extasiado pela sua amada, indicam que a guerra aconteceu longe: a Europa está bem longínqua, Dachau nem chega a ser um retrato na parede.

Sob o pseudônimo literário de Ramalho de Queiroz, talvez mistura dos nomes de Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz, famosos escritores portugueses polemistas, dr. Wagner de Luna Carneiro fez seu depoimento:

“A guerra terminou. Os nosso patrícios lutaram e venceram. Nossos parabéns ao Alcino Paraíso, ao José Ferreira Rocha, ao Wenceslau Bernardes, ao João Jordão, ao Bino Lupi e todos os outros nossos conterrâneos que aguardavam o momento de seguir para luta.

O Hitler morreu, assassinado ou suicidado. O Mussolini, fuzilado. O Roosevelt, na cama cercado pelo carinho de sua família e amparado pelo amor de todo mundo livre. Ainda há gente que não crê em Deus!”

Newton Freire Maia, que depois seria geneticista em Curitiba, de fama mundial e que estudava em nossas escolas no fim da Guerra, lamentou a morte de Roosevelt:

“Homens e mulheres de todos os recantos do mundo, de todas as regiões e de todos os credos políticos choraram, há dias, a morte do artífice da “good-will.”

Perdeu-se anel de normalista e o Dr. Eli Andrade Leite gratifica quem o encontrar. Foi achado? Está vivo e onde está o gratificador, que registra a gravação de H.I.S do anel? Lembra o incidente o poeta pernambucano Manuel Bandeira: “Aquele pequenino anel que tu me deste/ -Ai de mim – era vidro e logo se quebrou...”? O mundo vinha de feroz guerra, soldados brasileiros morreram. Na Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas era motivo de preocupação o pequenino anel de normalista perdido! A vida cotidiana continuava na Vila como se nada tivesse acontecido no mundo. O “Vinho Creosotado” reinava nas prateleiras dos armazéns; “Fluxo-Sedatina”, nas farmácias, prometia alívio nas cólicas das mulheres; Antônio Carlos Ferreira, sob o nome de “Meia Noite”, assumia o noticiário social; Milton Reis continua poetando: “das plagas siderais onde repousas...”; o alfenense professor de Medicina José Leal Prado de Carvalho casa-se em São Paulo dia 7 de maio de 1945; a Farmácia Santa Terezinha coloca a venda penicilina; contra caspa e queda dos cabelos, recomenda-se “Petrolina Minâncora, tônico capilar por excelência”: o Expresso Rocha, de Adauto Ferreira Rocha, e o Expresso Alfenas, de Antônio Maciel, ligam, por estradas de poeira ou de barro, São Paulo e Rio, respectivamente. Enfim, termina a 2ª. Grande Guerra e o país chamado

Brasil, e o burgo denominado Alfenas prosseguem em 1945 com os mesmos pulsares emocionais e sociais do dia a dia, com modorra, ou com vontade de fazer. Agora, em 2006, 61 anos depois, os brasileiros contemplam, assustados e deprimidos, o campo de concentração de Dachau, os fornos, as grossas cordas que enforcavam prisioneiros, a cerca elétrica, os cadáveres nas fotos, amontoados, e repetem na mente a perturbadora pergunta feita depois ao avô pelo menino de seis anos, continuando o interrogatório de criança inteligente e sensível: “Por que Deus não estava aqui?”

“Os ricos e remediados clientes do Banco Nacional, vindos da agricultura e da pecuária, fizeram prosperar celeremente o Banco e, no caso, a agência da Vila Formosa. A importância da agricultura era tamanha na economia que quase tudo girava em torno das colheitas e do gado.”

VENTOS DA VILA FORMOSA

IX

Mais uma vez omito a residência centenária do Dr. Emilio Soares da Silveira na descrição memorial da praça principal. Como disse, merece detalhada memorização. A casa seguinte, na praça, embora tenha sido, por muitos anos, do pai do famoso médico e de seu cunhado, dela só me vêm à mente os gerentes do Banco Nacional que lá moraram, e alguns do Hipotecário, depois chamado BEMGE.

O Banco chama-se Nacional, é da família de Magalhães Pinto, ex-governador de Minas. Conta-se como lenda que seu fundador, já de certa idade, encantado com a beleza da então miss de Santa Catarina, Vera Fisher, dera a ela cheque de valor alto, recusado a ser coberto pelo Banco. O fundador da casa de crédito foi então pessoalmente ao Banco Nacional e, diante de perplexos gerentes e diretores, sacou seu cheque e entregou os valores monetários aos braços, isto é, às mãos da então Miss Brasil.

Esquecida a lenda, vem a lembrança do gerente José Barbosa da Costa, Zequita Barbosa. Nesse Banco Nacional, atuou intensamente. De vestimenta sempre elegante, o senhor Zequita atuava sem nenhuma dúvida como espécie de Ministro da Fazenda da região, senhor não só dos anéis como dos destinos econômicos de fazendeiros, comerciantes grandes e pequenos, homens de negócios que entravam e saíam naquele recanto financeiro. Em um tempo em que os gerentes

tinham autonomia quase plena, ele administrava as principais finanças regionais e comandava os investimentos privados. Os ricos e remediados clientes do Banco Nacional, vindos da agricultura e da pecuária, fizeram prosperar celeremente o Banco e, no caso, a agência da Vila Formosa. A importância da agricultura era tamanha na economia que quase tudo girava em torno das colheitas e do gado. As contas das farmácias, dos armazéns, das lojas eram quitadas depois de vendidas as colheitas. O leite era para custear o dia a dia. Havia o hábito das “cadernetas”, onde os comerciantes anotavam as compras dos fregueses. Nesse contexto do reinado rural, a agência do Banco Nacional, sob o comando do senhor Zequita Barbosa, tornava-se ponto obrigatório para centralizar na esquina da praça com a Rua Oswaldo Cruz, desde 1968 denominada Rua Pedro Silveira, todas as aspirações, planos, pensamentos e obras dos que tinham ou queriam ter, ou administrar dinheiro. Se quisesse – pensem agora com mais reflexão – o senhor Zequita poderia carrear honestamente para seu patrimônio pessoal muitas fortunas. Não morreu pobre, mas aquém dos frutos, muito aquém dos frutos que gerou para o Banco Nacional e para a Têxtil Alfenas. Sim, para a tecelagem que implantou e por tantos anos administrou. E para a própria Vila Formosa de São José e Dolores de Alfenas.

Vai mais longe o senhor Zequita. Além de implantar a Têxtil Alfenas, indústria de tecelagem, depois encampada e ampliada pela Saliba, preside a Associação Rural e a Comercial.

O Banco Nacional chegou em 12 de outubro de 1946 e instalou-se na rua Artur Bernardes, tendo como Gerente o Dr. Pedro de Souza e Silva, auxiliado por Waldir de Luna Carneiro, redator do jornal “A Verdade”, Francisco Mafra e Juscelino Ferreira. Anos mais tarde, Zequita assume a Gerência local do grande Banco que crescia; deixa de ser titular

do Cartório de 3º. Ofício, e o mundo financeiro regional e a incipiente indústria têxtil que renasce sob seu comando passam a depender inteiramente de seu talento e de sua argúcia.

Seu perfil e sua história foram lembrados com rara felicidade quando o centro esportivo e educacional foi inaugurado com seu nome:

“Há certos homens – escrevia Balzac – que são como determinados livros: começam a ser realmente apreciados depois de algum tempo. José Barbosa da Costa, por todos chamado carinhosamente de Zequita, é uma dessas figuras que Alfenas guarda com carinho e cuja personalidade, à medida em que o tempo passa, maior se torna.. Nossa cidade tem dívidas para com ele: foi das figuras mais empreendedoras de nosso meio social e empresarial. Onde quer que atuasse, deixava o seu entusiasmo e realizações notáveis. Filho de Serrania, veio para Alfenas onde cursou o ginásio e a Academia de Comércio “Leão de Faria”. Deixou o 4º ano de Direito quando foi nomeado Tabelião da Comarca de Alfenas, cargo que exerceu por 10 anos. Convidado para Gerente do Banco Nacional de Minas Gerais, atendendo a convite de Magalhães Pinto, transformou aquela casa bancária num dos mais importantes estabelecimentos de crédito de Alfenas, ficando na gerência por 20 anos, quando afinal aceitou promoção para Gerente Regional de Ribeirão Preto-SP, cargo em que se aposentou. Durante sua vida em Alfenas foi, por vários anos, presidente da Associação Rural, hoje Sindicato Rural, época em que adquiriu terreno para ser instalada a 1ª Exposição Agropecuária de Alfenas, local hoje ocupado com a edificação do Sindicato Rural. Na mesma época exerceu a presidência da Associação Comercial e Industrial de Alfenas, quando fez construir a sua sede. Foi ainda fundador e Diretor-Presidente, por mais de 9 anos, da Tecelagem Alfenas, hoje Têxtil Saliba.”

O prédio da Saliba não são ruínas, apesar da desativação quase total da indústria. Desinteressados da fábrica, os herdeiros de Jamil Saliba cuidam mais de moderna tecelagem em São Paulo e, hoje, de extensa atividade de criação de cavalos de raça, na Pauliceia.

Continua o prédio do Banco Nacional no mesmo lugar, com poucas modificações. Sem se sacrificar a memória, pode-se ouvir o burburinho na esquina, a voz do Contador Anísio Mesquita, que também ajudava a tesouraria do Cruz Preta, o time de futebol que seduzia toda a região. O Cruz Preta merece crônica e estudo especial, pois que foi equipe de futebol nunca antes vista e que, talvez, nunca mais seja vista nessa Vila Formosa de Alfenas. O burburinho persiste: a voz agora é de Heitor Taylor do Prado. Não tive chance de pergunta-lhe se o seu prenome era Taylor em homenagem ou lembrança à profissão de alfaiate de seu pai, porque, muitos sabem, *taylor* tem esse significado na língua inglesa. Heitor foi promovido a Gerente depois de Zequita e teve brilhante carreira bancária. Ou a voz é do rapazola Hélio Moreira, recém-chegado de Gaspar Lopes? Ou o bulício vem do silencioso bancário Hesse Luiz Pereira, envolvido então nos artigos sobre o Dr. Jivago, de Boris Pasternak? Ou de Janles Landre, já namorando aquela que se tornaria esposa, senhora Jandira de Freitas Landre? Crispim Silveira Pinto deixa o Banco em 1959 e parte para Brasília. Fica o murmúrio. Entram e saem as pessoas. Ao meio-dia se abre a porta do Banco. O rapaz ruborizado pleiteia pequeno empréstimo ao senhor Zequita. Este o concede com gentileza. O rubor torna a voltar ao rapazola ao pedir o aval do Dr. Gilberto de Sousa. Também concedido com lhanza. Os tempos são outros, mas o vapor que acinzenta a atmosfera deixa as pessoas que já morreram como encantadas, assim escreveu o grande romancista mineiro Guimarães Rosa. No vapor dessa fanta-

sia parece que ouvimos distintamente as vozes de todos. As máquinas de escrever estão perfiladas ao lado dos bancários. Há lembrança de que Zequita Barbosa organizou quermesse – nome que não se usa mais – e, em uma mesa, com amigos, está José Marcos de Paiva Costa, ensaiando a partida para o curso Científico em Campinas, pois que se fala que lá seria fundada faculdade de Medicina! Veem-se vultos, se se pensar com calma, consegue-se identificar quem vem, quem vai, quem fala, o que fala! As imagens não são paralisadas. Em vez das pitonisas pintando com suas cores o futuro, volta-se ao passado, que parece tão claro nessas cenas do Banco Nacional dos tempos de Zequita Barbosa. Ei-lo com conjunto distinto de paletó e calça, em seu escritório com paredes de madeira, ouvindo a ladainha dos que sonhavam ou realizavam projetos e negócios; ei-lo conversando com Vitto Rafael dos Santos, o grande poeta que gerenciava a Agência do Banco de Brasil e que, mais tarde, em um belo poema, suspira que “eram paredes tristonhas os muros do sul de Minas”; ei-lo com Mara, Guaracy, José Marcos, Inês; ei-lo, sobretudo, com Dona Zilda, sua esposa, que dava a todos lição de trabalho sem precisar da jornada.

José Barbosa da Costa exerceu o poder em um dos pontos que o ser humano mais valoriza, que é o dinheiro. E tanto quanto possível cantou nesse concerto o “moderato cantabile”. Sua argúcia, às vezes mal compreendida, carregou em suas costas o Banco Nacional e a Têxtil Alfenas. Carregando-os, seu ombros também por décadas suportaram a Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas.

“Em 4 de janeiro do ano seguinte, o famoso “Balanço” registra os acontecimentos marcantes do ano. Apesar das inserções colocadas pelo Gerente do Jornal, o documento não perdeu seu charme, sua verve, continuou sendo o resumo honesto e bem-humorado dos destaques da vida na Vila Formosa de São José e Dolores de Alfenas no ano da graça de 1969.”

VENTOS NA VILA FORMOSA

X

Ano de 1969: em 4 de janeiro do ano seguinte, o famoso “Balanço” registra os acontecimentos marcantes do ano. Apesar das inserções colocadas pelo Gerente do Jornal, o documento não perdeu seu charme, sua verve, continuou sendo o resumo honesto e bem-humorado dos destaques da vida na Vila Formosa de São José e Dolores de Alfenas no ano da graça de 1969. Mais uma vez Waldir de Luna Carneiro, malgrado as emendas, oferece à cidade o “balanço” social do dia a dia do ano.

Nesse “balanço”, há o sucesso de “Menino das Bandeiras”, o garoto que compareceu ao programa de Silvio Santos e conhece de cor todas as bandeiras dos países; a boate “Mil Milhas” merece o registro: a juventude em umas noites mais, umas noites menos, se aglomera na Rua Cel. Laurindo Ribeiro e dança, e se beija, e se encosta, fazendo bater asas o “doce pássaro da juventude”. Boate é moda na ocasião: qualquer cidade de porte possui uma boate. E as “Mil Milhas” torna-se uma das melhores casas noturnas da região. Em um tempo em que havia ainda certo policiamento sexual, em um tempo em que os carinhos não eram tão públicos, o antigo prédio adaptado foi testemunha dos gemidos de amor enchendo as madrugadas; a música – símbolo – “Je t’ aime, moi non plus” – sem nenhuma letra, mas carregada de suspiros amorosos e sexuais, permanece ainda na memória dos que tinham, na

época, vinte e poucos anos, e ficavam ao redor do prédio das “Mil Milhas”, ou dentro dele, roçando interminavelmente um belo corpo de mulher. Ainda no “Balanço”, os destaques foram para a Costura: Maribel Munhoz; a presença bonita – Magdalena Vieira – recentemente descrita em crônica no “Estadão”: “Tarde de tango entre as montanhas”, o título, quando o escritor Ignácio de Loyla Brandão descreve seu interessantíssimo encontro com a alfenense Magdalena Manso Vieira. Sua sobrinha lhe pede diante do escritor: “Madá! Toque um pouco’. Ele escreve: “Houve uma breve recusa, gentil, porém Magdalena, magra, elegante, de idade indefinível, caminhou para o piano e por meia hora tocou tangos com agilidade e talento, remetendo à atmosfera portenha de um Café Tortoni”. “Numa das fotos’ – prossegue Ignácio’, Magdalena dançava com o Presidente Juscelino Kubischek”, e revela o escritor que JK só a chamava de “Dalena”. O “balanço” de 1969 informa o autor mais lido – José Mauro de Vasconcelos – de quem, felizmente, ninguém mais se lembra; a bela volta – Ary Tomas Gomes – que fazia pós-graduação no Rio, renomado ortodontista e professor da EFOA, de regresso à cidade e a sua Escola.

Era 4 de janeiro de 1970: há de longe o som da boate...

– “Also sprach Zarathustra!”, segredou a senhorita ao meu lado para a companheira. Apego-me à frase. Assim falava Zarathustra– traduzo mentalmente– enquanto o coração principia a saltar como doido. A música de Richard Strauss se corporifica em um rumor surdo, indistinto, produzido por trêmulo pesado dos contrabaixos, do órgão, do contrafagote. Aproveito a ensancha e solto uma frase de efeito: “São ubiquidades tonais pré-dodecafônicas...” A moça me olha espantada e eu... reconheço aqueles olhos, mas, de onde? Não perco tempo: “No terceiro acorde, senhorita, a escala de dó maior dá origem a uma progressão diatônica”. A senhori-

ta não diz nada, sua amiga idem, mas há a ternura fugitiva desses lindos olhos, a claridade dissimulada da manhãzinha. Ah, estou a existir: finalmente, a disposição de saltar o precipício e liquidar com algo de irremediavelmente ressequido. Imagino onde poderia tê-la conhecido: a memória esgarçada recompõe uma cadeia de imagens e associações. No “La Vie en Rose”, talvez durante o “réveillon”? Num jantar, numa casa elegante do Pacaembu, quando examinamos a coleção do jovem mineralogista? Não... Talvez num bar do Leblon, num baile junino em Bariri ou Monte Aprazível, sei lá, quem sabe numa rua estreita de um recanto de Minas... A moça sorri, acompanhando a música: um frenesi me percorre o corpo. A letra de um samba me aquece: “É com essa que eu vou sambar até cair ao chão”. O disco continua a girar, nada de sambas. Girai, girai, humores e sons, girai dando adeus à minha disponibilidade: chegou o tempo do encontro. Os “dias melhores” principiavam a inserir-se na minha própria pele. A moça fala com doçura: “An der Donau, der schoenen Donau!” Sim – exclamo – Danúbio azul, a Filarmônica de Berlim regida por Herbert von Karajan. Exulto. A senhorita é linda, topou a conversa, sua cultura trasborda, diz frases em alemão. Girai, girai, eu preciso de sons! O diamante me traz alegrias. Ela sorri, a companheira imutável. Preciso despejar mais erudição: “Isso é fruto do experimentalismo eletrônico da música Nova Colônia. Trata-se de um ‘Réquiem’ para soprano, mezzo, dois coros mistos e a orquestra é a da Rádio Bávara. Experimento um frio espesso a envolver-me em dureza. Julgo não ouvir bem, Ele insiste comigo: “Sprechen Sie deutsch? Sprechen Sie deutsch?” Se falo alemão? Santo deus, exigirá tanto?! Bem, tínhamos um curso, estudamos três meses, ou nem tanto. Ela sorri, parece não entender, abandona a loja, Abandona Karajan, Richard Strauss e a mim. Compreendo que a moça era alemãzinha da gema, desconhecendo

inteiramente a língua portuguesa. Eu fiquei só, com a minha pretensão. “Auf wiedersehen” (uma das poucas palavras que sei em alemão), adeus! murmuro com amargor para a senhorrinha que se retira, silenciosa e linda. Mas qual a relação disso com o som abafado e quente da boate “Mil Milhas”? Nada, absolutamente nada. “O Assinante no. 1– Antônio Barbosa Lemos. O Presidente – Francisco Leite Vilela. A instalação– Delegacia Fiscal, A mobilização– Cidade contra Cidade. Distinção – Pe.Vitório. Diversão – Trenzinho”. São dados do “balanço” , que empolgavam e enchiam de curiosidade a Vila Formosa. A lembrança marcante não foi a conversa pretensiosa e pedante com a alemãzinha; foi as “Mil Milhas”, o reboiço da rapaziada, as moças que dançavam e repartiam com o companheiro suas carícias, a beleza de Magdalena que ultrapassa a história e a memória local de que esteve aqui, na Vila Formosa, em 1969, ano do Centenário. Talvez a voz de JK, bem no fundo da imaginação, chamando: “Delena! Onde está Delena?”

“Fraterno, fico imaginando a névoa que acinzentava os mundos tão distantes: avô Maneco ouvindo o cantar do vento, Sulamita se perpetuando na linguagem bíblica, dizendo ao seu amado em 4,16: ‘Levante-se, vento do norte! Venha, vento do sul! Sopre sobre meu jardim e encha o ar de perfume.’”

VENTOS NA VILA FORMOSA

XI

Ouçã, vô, ouçã, há alguma coisa entrando pela fresta!

— É o vento. O vento está cantando, menina! Está cantando, menina!

A Pastora relata sua lírica conversa com avô Maneco. Durante um casamento à brasileira, lembrando o deslumbramento do Rei Salomão e Sulamita, e seus cantares e suspiros, em uma comunidade religiosa com o nome da Cidade do Amor Fraternal, fico imaginando a névoa que acinzentava os mundos tão distantes: avô Maneco ouvindo o cantar do vento, Sulamita se perpetuando na linguagem bíblica, dizendo ao seu amado em 4,16: “Levante-se, vento do norte! Venha, vento do sul! Sobre sobre meu jardim e encha o ar de perfume.” Esse claro-escuro não se evola do discurso luminoso e limpo da Pastora. Vem da comparação da descampada solidão de Campo do Meio com a paisagem de jardins e plantas, “pomar de romãs e das melhores frutas”, oferecida à sua amada por Salomão. A doce fala da pastora transmite a certeza de que a conversa do vô Maneco transforma Campo do Meio em paisagem de nardo e açafraão, canela e jasmim azul. Para quem se esqueceu: nardo cintilava perfumaria no fabrico de incenso; o açafraão era planta nativa da Europa e cultivada desde a Antiguidade para uso na culinária e no fabrico de bebidas e corantes, de folhas lineares, flores violáceas, róseas ou vermelhas; o jasmim tinha flores aromáticas, brancas,

amarelas ou róseas.

Lá vai o adolescente até Campo do Meio, acompanhado de Sebastião Mariano Leite. O ano era de 1960 ou 61. O rapazola se entusiasma porque vai conhecer Campo do Meio, porque, na noite limpa, ouvia confidências e aprendia lições; porque se julgava importante sendo passageiro daquela viagem: “Amigo é o Luiz Morais, alguns são companheiros”, ouvia. O rapazola começa a entender a diferença entre amigo e companheiro, sutileza que, infelizmente, nem sempre entendeu todas as vezes do modo correto que lhe ensinara Sebastião Mariano Leite, naquela noite carregada de estrelas. Que ninguém confunda os nomes: não se trata de Sebastião Mariano Franco de Carvalho, que ainda dá ensinamentos de convivência, mas de Sebastião Mariano Leite, que, um ano depois, silenciava para sempre.

De outra vez, ainda não havia iluminação pública nas ruas de Campo do Meio. Sebastião Mariano Leite não existia mais; o ônibus “quebrara”, o rapazola, um ano mais velho, interrompida a viagem até Coqueiral, onde marcara encontro com Silsomar Massote Botelho, mergulha novamente na escuridão da noite campo-meense.

Outras viagens. Certa vez, o prefeito Alderico Machado promove churrasco popular. Lá se encontram Yolanda Dias e Herminia Mesquita. Agora, mais oficial: os vereadores concedem, ao ex-rapazola, um título. Grande e agradável surpresa: o encontro com Noé Passos Bueno e esposa, que estavam morando em Campo do Meio. Ex-funcionário da Caixa Estadual, na agência Lafayette, em Belo Horizonte, constantemente dava cobertura financeira e bancária aos rapazes que transitoriamente se hospedavam lá, no Hotel Hudson.

Outras viagens aconteceram. Em uma delas, procurei em vão, no campo-santo local parcialmente inundado pela represa, a memória e as letras, na terra, de Sebastião Mariano Leite,

mas não as encontrei. “Seu” Geraldo dos Santos, o vereador de lá, por alguns instantes, abandona o culto da Santíssima Trindade e do Padre Francisco de Assis Araújo. e tenta levar cura ao três vezes “ex-rapazola”. O mesmo “seu” Geraldo recebe, certa vez, de madrugada, um telefonema com desespero: alguém buscava pistas de bandoleiros.

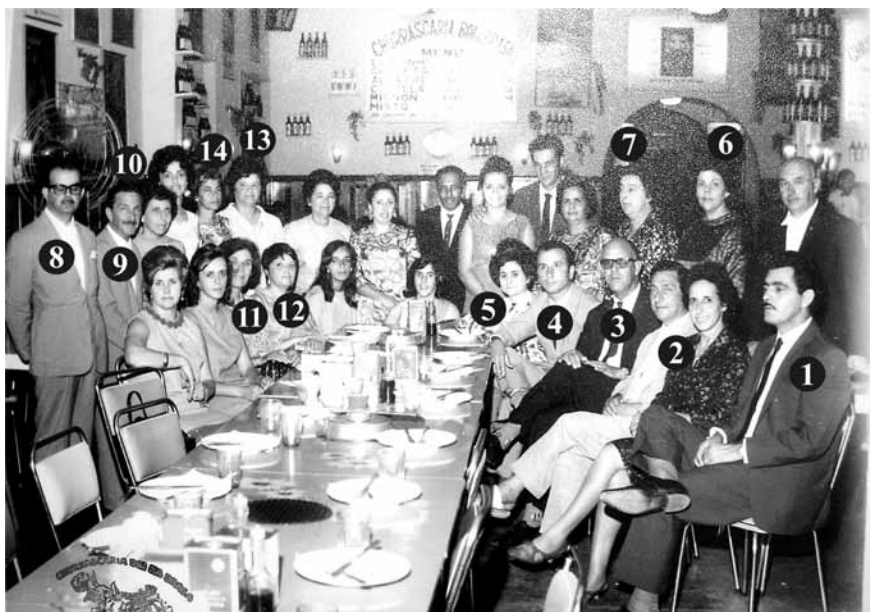
Assim, pintada com rapidez, a memória do burgo chega junto com a conversa da Pastora com seu avô Maneco. Inevitável, também, a imaginação criada quando no texto da Bíblia “ele leva ovelhas para pastarem entre os lírios, enquanto o dia ainda está fresco e a escuridão, desaparecendo”. Lembra as escuras ruas de Campo do Meio. Como no Cântico de Salomão, ‘eu irei até a montanha de mirra / até a montanha do incenso, / enquanto o dia ainda está fresco/ e a escuridão está desaparecendo.”

“Não haveria esse ato / ‘se o Anacleto soubesse/ que no dorso da alvorada/ chegaria a ‘Dama Branca”. Aos 18 anos, publicar essa canção de despedida pode até soar de modo pretensioso. Contudo, aos 18 anos se enxerga Campo do Meio com o lusco-fusco da magia salomônica, como ele mesmo diz, “embriagado de amor.” Décadas depois, os versos podem ser vistos como mal estruturados, sem técnica, sem valor literário. Com certeza o serão. Essa balada marcará, contudo, a paisagem de uma fase dourada da vida, pedaço da existência que pode ser descrita como nos cantares de Salomão: “filha de um príncipe, com os seus bonitos pés calçados de sandálias.”

“Diante de vazios copos de refrigerantes, olham para o invisível futuro. Quase todos demonstram alegria. Logo estarão na Argentina, logo estarão em Buenos Aires, logo terão realizado o sonho de cada um de caminhar em solo estrangeiro.”

VENTOS NA VILA FORMOSA

XII



Caminham rumo a Buenos Aires. A fotografia torna perenes e eternos os que partem de Alfenas e se detêm em uma churrascaria brasileira, talvez na fronteira, ou em uma festa de fim da viagem, de qualquer maneira no ambiente do tango. Diante de vazios copos de refrigerantes, olham para o invisível futuro. Quase todos demonstram alegria. Logo estarão na Argentina, logo estarão em Buenos Aires, logo terão realizado o sonho de cada um de caminhar em solo estrangeiro.

A foto registra o momento de descontração da viagem de 67 ou 68. O organizador foi Paulo Batista de Carvalho, o Paulo Torto (1), que se vê, à direita da foto, sentado. Ao seu lado, (2) Nélio Nogueira de Araujo e Dona Nenen, ele talvez ainda gerente do Banco Moreira Salles. Ambos olham para quem fotografa, não estão voltados para o amanhã. Depois, vem (3) Feliciano de Sousa Dias. Também fixando a câmera: José de Souza (4) interrompe seu programa *Sonho Azul*, pela Rádio Cultura, campeia nos pampas. Como gostaria ao dar seu “boa noite, Japão”, as ondas radiofônicas não atingem o Japão. Contempla a viagem nas românticas noites indormidas. No ano de 2007, com exceção do organizador da excursão, dos citados todos estão mortos. Mas a fotografia os torna como pessoas encantadas, na expressão do romancista mineiro Guimarães Rosa. Pertencem ao reino de magia criado pela fotografia que os retira do mundo da escuridão. Parece que estão na claridade da próxima do assento, como dona Alicia Munhoz Ramos (5), viva e clara, que hoje reside na bela casa da rua Laurindo Ribeiro e que, no momento, na churrascaria gaúcha, está vizinha de José de Souza. *Ai, chiquito, el tiempo vuela!* O expressão em língua castelhana relembra Alcazines, pequeno povoado na Espanha, há lembranças das cantigas de Barcelona. Por que não repetir José Marti, poeta da mesma língua: “Cultivo la rosa blanca / em julio como en enero/ para ela amico sincero/ que me dá su mano franca/ y para el cruel que me arranca/ el corazón com que vivo/ cardo ni urtiga cultivo/ cultivo la rosa blanca”.

Buenos Aires talvez seja a próxima parada. Quando será a parada definitiva dos que estão de pé? Dirce Moura Leite (6), da escola infantil “Luiza Hertzner”, quando sairá da foto e sairá da vida? Fita o fotógrafo, sem nada revelar. Rachel Prado de Carvalho (7) tem o olhar distante, quase distraído. Está perto de Dirce Moura Leite, mas seu olhar revela saber

que muitos anos para ela ainda virão. E vieram e virão. As invisíveis montanhas do amanhã nesse segundo de imagem aparecem e deixam de ser, para ela, Rachel, paisagem lunar, com suas montanhas e crateras. Faz “diário de bordo” e anota e divulga tudo. O olhar certo de Dirce para a máquina, hoje nos dá a lamentável ilusão de que seus dias e noites se findarão em menos decênios que outras pessoas da foto. Nela, Dirce, a atmosfera da perenidade se eterniza como nos demais encantados. Porém, ninguém, nem ela, suspeita que o retrato será visto como hoje, pleno de encantamento mas carregado de saudade para quem o vê.

Prosegue a peregrinação entre as figuras da foto: do outro lado, começa pelo Dr. Taveira (8); e, logo, o casal Plínio Paraíso (9), ele, contente, ela, perplexa, talvez escondendo seu contentamento. O primeiro, engenheiro eletrotécnico; Plínio foi comerciante e, na mocidade, ator de teatro. Léa Paraíso (10), professora. Plínio Paraíso foi carnavalesco de primeira.

Também se vê Conceição Leite (11), revelando sua indiscutível beleza que nem o tempo, nem a foto esmaecida, nem os baques da vida conseguiram apagar ou reduzir. Chamuscam seus olhos vivos e verdes: toda sua alma mostra a aventura do caminho de Buenos Aires.

Não escondendo sua deliberada inquietude, Marion Silveira (12), funcionária até se aposentar da Prefeitura dessa Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas, se diverte com os pequenos objetos dos pequenos hotéis ao longo das paradas. Viveu intensamente os anos que lhe foram dados e, nos seus últimos decênios, casou-se com Érico, forte, musculoso, ex-estivador, e que a amava tanto. Ambos se amavam. Esses todos citados também partiram para o reino dos encantados, com exceção de Érico, hoje viúvo.

Para esse simbólico paraíso perdido a antiga foto exhibe, quase que escondida, Carmen Sylvia Dias (13), mirando o

fotógrafo com melancolia. “Arriba”, Dona Carmen, estamos quase chegando nas terras portenhas! As expressões fisionômicas enganam na descrição, 50 anos depois. Provavelmente dona Carmen pensa nos seus “lázaros”, na instituição que dirige. Muito antes de Madre Teresa de Calcutá ela percorre leitos de enfermos e os quartos simples de suas casas. Limpa as chagas deles. Presta assistência. O mesmo amor com que Santa Tereza de Calcutá dava aos leprosos se antecede com Carmen Sylvia Dias. Talvez ligada ao time profissional do Vasco da Gama e no grande avião que na década de 60 trouxe os jogadores, cedido pelo Presidente da República, na exibição do jogo com a Seleção local com renda para seus “lázaros”, proporciona aos torcedores ver de perto famosos jogadores, em um tempo em que não havia televisão. Dona Carmen não deve aparecer melancólica no retrato. Mesmo no retrato, “arriba” dona Carmen, “caramba y zamba la cosa” pois, ’é ave que non se assusta”! Mulher muito útil à sociedade, mostre à memória dos outros, mostre às novas gerações a garra de quem a vida inteira conquistou o respeito dos homens inteligentes e o amor das crianças. Na festa do “Rosário”, estimula as “embaixadas” de congadas, desfila com eles e foi se esquecendo a vida inteira de ter casa própria. Chamada à atividade política (foi vereadora), não se aproveita disso: em um saudoso tempo em que os vereadores não ganhavam nada, continuou saltitando de aluguel em aluguel, sempre como inquilina, sempre com endereço instável, até ser chamada para outra parada que não era para ver o bailado do tango argentino: para entrar definitivamente na terra dos encantados.

Logo após, Bernadete Barroso (14), doce, simpática, ainda hoje muito longe do tempo do país encantado de Dona Carmen, e nos dias atuais mora na rua Artur Bernardes. A foto evidencia seu comportamento humilde. Não parece estar a

caminho da “Boca”, como dizem os argentinos para chamar o bairro onde está “el caminito”. Para ela virá a “Noche Buena”, como falam os argentinos. Depois dessa viagem Bernadete Barroso casou-se e foi morar em Agudos e, agora, viúva, novamente vive nessa Vila Formosa de São José e Dores de Alfenas. Com a mesma doçura. Com a mesma humildade.

Outros estão na foto, alguns serão reconhecidos por parentes e amigos. Os vivos, é claro, por eles mesmos. Anos depois é que Tom Rice e Weber compuseram o musical que tem a famosa música “Não chores por mim, Argentina”, na língua original do musical – “don’t cry for me Argentina”. É o tema de “Evita”. Os alfenenses dessa excursão, depois de 21 dias de ônibus e um dia e meio em Buenos Aires, não puderam ver o histórico túmulo de Eva Perón, no cemitério do central bairro Recoleta. Não chores por eles, Argentina.

“E cai a noite alfenense, inquieta, revelando que, no futuro, os habitantes dessa Vila Formosa, se quiserem presenciar algo igual, terão que fantasiar com nostalgia a memória do tempo passado, pervagante, garrulando, machucando.”

VENTOS NA VILA FORMOSA

XIII

A rua é Arthur Bernardes, que já se chamou Olegário Maciel, seu nome primeiro batizado como rua Direita. A garotada do Grupo Escolar “Minas Gerais” passa em frente à sua casa, sem muito ou nada entender de suas concepções arquitetônicas. É de estilo arquitetônico moderno. Percebe-se que havia diferencial na construção da casa onde Waldomiro Passos Silva e Maria Passos Vinhas moram muitos anos, e onde ela – a antiga diretora do Grupo Escolar Coronel José Bento – vive até hoje, em 2007. Hoje, aparentemente sem reagir, quieta e silenciosa, dona Maria Vinhas, à sua maneira, curte os anos calados que vieram e que, dentro de si, sabe e conhece o mundo ao seu redor e fora dele, porém desenvolve a sabedoria de não alterar nem opinar sobre o destino e o comportamento de ninguém, nem dos mais amados. Vivendo em momentos que parecem letárgicos, sabe, contudo, que lhe foi dada missão: sua presença é sua missão, sua longevidade silenciosa é a tarefa lhe “foi dada neste latifúndio”, feliz metáfora do poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto. Entende no seu mundo sem palavras que “o dever para casa” deve ser realizado sem queixa, com um contentamento interior que não revele nada às pessoas que a cercam. Como o famoso escritor inglês Chesterton, campeão dos paradoxos, tenho imaginado que dona Marinha Vinhas esconde no seu silêncio nada mais do que o seu con-

tentamento. Atinge estágio em que vê o exterior, mas não se aborrece, não se alegra, nem sucumbe com ele; ou por outra, vê o universo quotidiano com a clara luz; nós outros o enxergamos nebuloso e distante; há um tempo em que a claridade a tira do mundo, mas não a retira do mundo. Talvez seja isso de difícil entendimento para quem não é iniciado. Nenhum de nós o é, a não ser os privilegiados que conseguem vislumbrar esse vaporoso encanto de estar no mundo sem estar no mundo. A superioridade de sua inércia desconcerta todos nós que estamos atavicamente sujeitos às leis não espirituais.

Não permanece nenhuma paisagem de Carmo do Rio Claro, do curso Normal ali conquistado, quando em Guapé é impossível tornar-se normalista. A serra das tormentas, de Carmo, bem que pode ser o pano de fundo para aquelas moças vestidas de azul e branco, trazendo um sorriso franco, com um rostinho encantador, e que seriam normalistas, conforme o cantor Nelson Gonçalves descreve com beleza.

Waldomiro Passos Silva ao lado dela, por quantos anos? Também de Guapé, Miro, como é tratado pelos íntimos e por ela, testemunhou e vivenciou a vida dessa Vila Formosa nos decênios em que a Vila teve extraordinária riqueza humana. Afastado o saudosismo, a nostalgia inevitável quando se pinta o retrato do passado, do tempo passado, as vivências de Waldomiro têm como pano de fundo o burgo ainda não assolado pelas mudanças que o tornaram insosso e incolor. As cores de agora, o gosto de agora, não terão a mesma cintilação e o mesmo sabor do ontem? Parece que não. Shakespeare brada por meio de um de seus personagens: “há algo de errado no reino da Dinamarca”. O que havia de errado nos anos em que Waldomiro e Dona Mariinha viveram juntos não carrega a ilusão de névoa obscurecendo a paisagem; há nesse véu luzes que se sabem agora apagadas e frutas que se sabem agora adormecidas, mas há na retina a memória de

agradável luminosidade e doce sabor de vidas que não eram amargas. “Mudaria o Natal ou mudei eu? ”, interroga Machado de Assis.

Waldomiro não era medíocre, dona Mariinha não deixava a Educação sobrepor-se à sua humanidade. No café “Pérola Jr”, na praça principal de Alfenas, colocam a família inteira no trabalho braçal, para conseguir recursos financeiros para custear o estudo dos filhos, alguns já principiando cursos superiores em Belo Horizonte. O antigo Café e Pastelaria do Licas é invadido pelo labor da família Passos Vinhas, com o nome de Pérola Jr, pois que em BH há o Café Pérola, famoso ponto de encontro da Praça Sete. No Pérola Jr, quase todos da família trabalham; os que já estão em BH também labutam lá; Waldomiro e dona Mariinha não criaram família de preguiçosos, mas de gente que sabe dar valor ao trabalho, como ele o faz, sempre, às vezes deixando diretamente o mundo dos noctívagos para o trabalho no consultório dentário; ou como ela faz, sempre, deixando diretamente o mundo da vida do lar para o trabalho na escola. Nunca se sabe de uma queixa de um para com o outro; não que a tradicional submissão da mulher impedisse seus protestos; ambos sabiam que a tarefa que Deus reservara ao casal era criar e educar os filhos. E não só os filhos chegam. Guapé era cidade carente de colégios. Vinham sobrinhos e parentes estudar em Alfenas, acolhidos por dona Mariinha e Waldomiro.

Quando faz 34 anos de magistério, dona Mariinha se aposenta. Em nome do corpo docente, fala a professora Hercília Rios; a professora Estefânia Pinto Barbosa interpreta “Oração da Mestra”; a professora Conceição Leite, “de maneira íntima, em nome da classe aposentada”, faz sua saudação; a “graciosa e meiga” aluna Beatriz A. Singi entrega flores; a professora Francisca Correa dirige o coro dos alunos; Conceição, filha de dona Mariinha, lê com emoção o texto escrito

por dona Addy Amélia do Prado – “Esta é a sua vida”; a fala de Waldomiro Jr., o Mirinho, é em nome da mãe. Ele é um jovem estudante. A noite alfenense é de outubro de 1968. O pai, Waldomiro, naquela noite em que se ouvem coisas suaves, termina seu improviso: “Não há milhões que comprem a amizade sincera”. E cai a noite alfenense, inquieta, revelando que, no futuro, os habitantes dessa Vila Formosa, se quiserem presenciar algo igual, terão que fantasiar com nostalgia a memória do tempo passado, pervagante, garrulando, machucando. O ato de se aposentar hoje não é mais recebido com a solene importância da noite de outubro de 1968. Por essa razão deve ser constantemente lembrado que a comunidade escolar, alunos e a família, se reuniram, entoaram cânticos, discursaram, se emocionaram quando dona Mariinha, após 34 anos de serviço, faz uma parada.

Certa vez, ela acompanha normalistas que são suas alunas às cidades históricas ao redor de Belo Horizonte. Leva-as junto com Irmã Geraldina e a professora Teresa Carvalho, e conversam com Nazira Feres, Alda Loddy e Lucia Casasanta. Alguém se lembra dessas pedagogas que constituíam a linha de frente da educação mineira no nível fundamental? Alguém se lembra de ter ouvido falar delas?

Waldomiro Passos Silva cria sua família sem renunciar ao princípio da autoridade paterna. Nesse campo não cede um milímetro. Talvez porque acredita, como o profeta, que “só a liberdade vos libertará”. Não permite que nada contamine de algum modo seus filhos. Porque, também, tem certeza da retaguarda. E essa retaguarda se chama Maria Passos Vinhas.

Na noite de 22 de dezembro de 1984, o então vereador e atual escriba começa dizendo que “pela primeira vez na história da vida de Alfenas a Câmara Municipal acolhe em seu recinto marido e mulher, para reconhecer, de público, perante toda a comunidade, que os dois devem ser batizados

com o título de alfenenses honorários...Já vai longe o dia em que Maria Passos Vinhas deslocou-se para Belo Horizonte para especializar-se no Instituto de Educação, acompanhada de três criancinhas e deixando o esposo em Guapé...Já vão longe os dias fagueiros em que Waldomiro aqui chegou para fazer o serviço militar, nos idos de 1928, ingressando na EFOA..." A fala do então vereador de 1984 procura rasgar com sopro suave algumas coisas já vividas. "Alfenas reconhece nesse casal a fidelidade para com esta terra porque, ambos, cada um a sua maneira e a seu modo, participaram durante todos esses anos da vida da cidade, das suas festas, de seus carnavais, das suas missas, da sua sociedade, enfim, do dia a dia da comunidade, rindo conosco, chorando conosco, brindando nossas conquistas e lamentando as nossas perdas, saudando o nosso contentamento e chorando os nossos mortos..." O orador cita alguns nomes da época que conviveram diretamente com Waldomiro, alguns já mortos em 84: Lucas Bento, Aristides de Sousa, Olímpio Corsini, Maurício Lomonte, Bernardo Piazzalunga, Francisco Vilela, Antônio Quintino, Sérgio Macedo, Altemar de Paula, Nabor Lopes, José Macedo, Paulo Paulino, Manoel Taveira, Mário Costa, Albino Borin, Sanico, Zé Dama, João Gama, Francisco Agostini, Pedro Landre, Juquinha Campos Pereira, Francisco Bruzadeli, Alaor Moura, Adolpho Engel, Antônio Silveira, todos citados na saudação. A variada gama de pessoas indica a circulação variada das classes sociais. A posição na hierarquia social não decidia quem deveria ser seu amigo.

Do outro lado, o orador lembra algumas que foram colegas de dona Mariinha: Rosina Prado de Carvalho, Lavínia Valadão, Zinica Carvalho, Helena Cunha, Ana Carolina Toledo, Geralda Amaral, Wanda Castilho, Addy Prado, Dalva Carvalho, Marta Quesada, o que levou o mesmo orador, em outra noite memorável, quando ela recebe, com Benedicto

Cyrilo, o título de Doutor Honoris Causa da Universidade de Alfenas, a lembrar que aquela escola, com aquelas professoras de escol, era uma grande universidade.

Essas figuras habitavam junto deles a terra dos homens. A lembrança física ou espiritual deles às vezes baila para uns, completamente desconhecidos para outros. Foram algumas pessoas que conheceram e talvez amaram.

Diante de normalistas que se graduavam, dona Mariinha as olha de frente. Com sua voz mansa, lhes diz: “Sejam como as rosas, encantem e perfumem, tenham as mãos e a mente sempre ativas, espalhem mensagens de paz e trabalho, assim poderemos acordar o infinito com o brado imortal: “cumprimos nosso dever””.

Ambos combateram o “bom combate”; perfumaram, encantaram, mãos e mentes sempre ativas; paz e trabalho espalhados como mensagens. No paraninfado ela resume o dia que vai e o outro que se encadeia do casal. Talvez ela exteriormente agora não saiba quem sou. Bem dentro, no entanto, conhece quem vem. Não se desespera porque resvalando na Verdade sabe que está cumprindo o dever. E ela, ao lado de Waldomiro Passos Silva, sempre cumpriu o dever.

“Nos seus 93 anos de vida, dona Ana mantém fidelidade ao seu fado. Sem ter convivência com livros – e até sem conhecê-los – adquire, ao longo do tempo, a sabedoria que espalha para tantos no dia a dia.”

VENTOS NA VILA FORMOSA

XIV

A na Cândida Ávila da Silva. Todos a chamavam de Dona Ana, ou “Sá Ana”, e lá, naqueles lados da Ponte das Amoras, respira-se pureza que desafia o Mal. Não se livra do Mal. Ninguém consegue afastar esse pérfido veneno que ronda aos degredados filhos de Eva, nem o conseguem os anacoretas em seu solitário retiro de cores brancas. No entanto, nos lados da Ponte das Amoras, permite-se que os bons ares dominem o cheiro sem fragrância de nossa miséria. Ali, naquela casinha pequenina, simples e despojada, dona Ana na verdade “tollit peccata mundi”, suporta a multidão que semanalmente busca fugir de seu sofrimento. Ao contrário de tantos e tantas charlatãs que prometem fortunas, feitura ou desfazimento de aventuras amorosas ou arranjos em que valseiam a ruína e o desastre, os sofredores que se contorcem com suas dores físicas ou morais naquele simplíssimo oratório escutam a reza, o balanço da prece, vindos da voz forte e firme da anciã que pacientemente os atende. Todos ficam de costas. Ela, sempre atrás, querendo dizer a todos que o Mal é subreptício e traiçoeiro, sempre chega por trás. A esperança vem devagar naquele oratório. À frente, imagens de santos, retrato antigo do Pe. Donizetti. E a imagem de N^a. S^a. Aparecida. Alguns talvez levem, na volta, remédios caseiros. O sofredor que chora por dentro ou por fora sempre é chamado, nas preces, de “filho de Deus”. Nas quartas-feiras, quando chega mais gente, ela reza individualmente, para cada um.

Não cobra nada e não aceita nenhum presente. Mas, quase todos são pobres: também não poderiam dar presentes! Disse uma vez que seu marido, João Manuel, famoso curandeiro, lhe havia ensinado alguns remédios. Sinceramente, penso que ele é que aprendeu esses mistérios com ela. Chico Xavier psicografava livros e seus seguidores acreditam que transmitia mensagens do além. Dona Ana não fazia nada disso. Apenas rezava. Seu contato com o mundo dos mortos só tinha a única via: a oração, e em nenhum momento os mortos eram invocados. O Mal, esse sim, viesse de que forma fosse, encontrava nela, por meio de suas preces, o anteparo, a barreira, a guerreira que não se deixava derrubar. “Então – diriam os céticos – os seus, sua família estariam protegidos do Mal!”. Engano. “Os degredados filhos de Eva” estão sujeitos aos mesmos fracassos, às mesmas dores, a essa mescla que não privilegia mesmo os filhos e netos dos que combatem o Mal. “Os romeiros sobem a ladeira / cheia de espinhos, cheia de pedras, / sobem a ladeira que leva a Deus / e vão deixando culpas no caminho”, é a bela descrição do poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade. Nos seus 93 anos de vida, dona Ana mantém fidelidade ao seu fado. Sem ter convivência com livros – e até sem conhecê-los – adquire, ao longo do tempo, a sabedoria que espalha para tantos no dia a dia. E vai recebendo, rezando e benzendo os que vão até perto da Ponte das Amoras: não há adro de igrejas, não há oferendas, não há prendas. Há o desespero que existe ou se aproxima. “Os romeiros pedem com os olhos, / pedem com a boca, pedem com as mãos” – e, numa simples cadeira, de costas como antigamente os padres católicos ficavam, mostrando que estavam na mesma direção do povo na introdução ao altar de Deus, dona Ana reza para todos no quatinho pequeno e puro. Escreve Carlos Drummond de Andrade. “Jesus, já cansado de tanto pedido, / dorme sonhando com outra

humanidade.” Dona Ana não se cansou de tantos pedidos. Os pobres, os sem-eira-nem-beira, os miseráveis, todos encontravam nela o que alguns sacerdotes na Igreja Católica parecem ter abandonado algumas vezes: a compaixão e a misericórdia. E parece que, quando S. Marcos narra o episódio do jovem de Gerasa, escrevendo que “meu nome é Legião porque somos muitos”, para eles a referência é distante, longínqua, irreal, que não acontece mais. No entanto acontece quando, perto da Ponte das Amoras, a velha senhora segura o seu terço, o seu rosário. Naquele momento, sim, sonhando com outra humanidade, mas com compaixão e misericórdia.

“Na época de criança, eu olhava de longe as igrejas, hoje chamadas com certa pompa e circunstância de as dos “irmãos separados”, como se com esse eufemismo deixasse de ser profundamente triste: a existência de irmãos que não estão do mesmo lado!”

VENTOS NA VILA FORMOSA

XV

Depois da solenidade de formatura de sua neta. Em Direito. Encontrei-me com o Reverendo Hildebrando Valim, há tempos aposentado da Igreja Presbiteriana de Alfenas. Na época de criança, eu olhava de longe as igrejas, hoje chamadas com certa pompa e circunstância de as dos “irmãos separados”, como se com esse eufemismo deixasse de ser profundamente triste: a existência de irmãos que não estão do mesmo lado! Esse lamento vale para as igrejas e para os homens. A “separação” torna a consanguinidade febril e com dor. A “separação” torna incompreensível e misterioso o bíblico episódio de Caim e Abel.

Além dos presbiterianos, havia a “Assembleia de Deus” e a “Igreja Batista”, mais nada. Só de ouvir falar é que sabíamos dos Mórmons, e ficamos espantados, depois, com o bonito nome que tem a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. As igrejas Cristã do Brasil, Sara Nossa Terra, Evangelho Quadrangular, Filadélfia, Universal do Reino de Deus foram as que chegaram mais tarde. Naquela época de meninice, só havia os protestantes, nome infeliz para batizar os que não eram católicos romanos. Tempos depois é que veio a consciência de que havia ritos que não eram romanos, porém plenamente aceitos pela Igreja Católica Apostólica Romana, como Maronita, Melquita, Caldeu, Malabar, Siríaco Puro, Malankar, Copta, Ambrosiano, Ítalo-Greco, Moçárabe.

Sem mencionar os Ortodoxos, considerável ramo com poucas diferenças dos “católicos romanos”.

O Reverendo Hildebrando Valim comandou, durante vários decênios, a Igreja Presbiteriana de Alfenas, depois da passagem dos Reverendos Davis, Hornick e outros pastores americanos.

Que seja de responsabilidade dele, não se pode macular com nenhum arranhão sua fé, seu credo ou sua Igreja! De vida sempre modesta, longe da Riqueza e do Poder, distante da Vaidade, a vida inteira interrogava nas páginas da Bíblia resposta às contradições do mundo. Ele sabia, contudo, que as contradições brotam da cruz. Ele deveria suportá-las, como suportou. “Não vos peço, meu Pai, que os tireis do mundo...”(Jo 17, 15), no ensinamento do Apóstolo João.

Um irmão não considerado “separado”, João Paulo II, parece descrever a biografia do Reverendo Valim:

“O Povo de Deus tem necessidade de ver nos padres e nos diáconos um comportamento cheio de reverência e de dignidade, capaz de ajudá-lo a penetrar as coisas invisíveis, mesmo com poucas palavras e explicações.”

Na hora dos desafios da vida, mais do que nunca a aveludada voz de Dinah Bornelli Valim lhe dá inigualáveis forças, como no hino: “Foi na cruz, foi na cruz / aonde um dia eu vi / Meus pecados castigados em Jesus/ Foi ali, pela fé, que meus olhos abri/ E agora me alegre em sua luz.”

Em um culto de Natal, os acordes de Dona Dinah, em outro hino, varrem docemente o telhado da Igreja Presbiteriana de Alfenas: “Da linda pátria estou longe;/ Cansado estou;/ Eu tenho de Jesus saudade,/ Oh, quando é que eu vou?/ Passarinhos, belas flores,/ Querem me encantar;/ São vãos terrestres esplendores,/ mas contemplo o meu lar.”

Quem ouviu o hino “Sossegai” pode imaginar porque o

Reverendo Valim não se afogou em nenhuma procela:

“As ondas atendem ao meu mandar: sossegai!

Seja o encapelado mar,

A ira dos homens, o gênio do mal;

Tais águas não podem a nau tragar,

Que leva o Senhor, Rei do céu e mar!

Pois todos ouvem o meu mandar:

Sossegai! Sossegai!

Convosco estou para vos salvar; sossegai!”

Aos domingos e quartas-feiras à noite, amparando-se na Bíblia, ao lado de dona Dinah, sua esposa, o Reverendo caminha partindo da Francisco Mariano e se dirige ao templo da Avenida São José, até se aposentar. Ela timbrava os hinos com sua bonita voz de soprano. No culto a Deus, ele fala aos homens sobre as coisas de Deus. Ela canta. Mesmo que, ao sair de lá, os apelos da vida humana fiquem mais fortes e entontecem os homens, ele e ela voltam ao mesmo caminho aos domingos e quartas e, novamente, ela fala e ela canta coisas “da Pátria linda de que estou tão longe”, ano após ano, decênio em seguida a decênio.

Essa fidelidade os acompanhou. Falecida a esposa, a mesma fidelidade acompanha o Reverendo Valim.

Não há *aggiornamento* porque as Verdades não podem ser atualizadas. Deixam de ser Verdades se variarem ou oscilarem segundo os costumes ou o século.

Hoje o Reverendo quase não sai. Tem lúcidos e saudáveis 96 anos. Ainda prega quinzenalmente. Na memória da cidade ficará a lembrança de um homem bom que, certa vez, foi levado ao magistério no Colégio Estadual pela sensibilidade do Diretor Sebastião Mariano Franco de Carvalho.

Ele foi moldado para viver como firme anacoreta. Não

foi assim porque a vida em retiro o distanciava dos homens. No entanto, pode afirmar, agora: “Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé” (2 Tm. 4:7)

Nasceu para mergulhar de corpo e alma no mar bravio e sereno das Verdades da Bíblia.

*“Muitas vozes sussurram.
Sombras vagueiam nos corredores
da casa velha do Grupo Minas
Gerais. São as professoras?”*

VENTOS NA VILA FORMOSA

XVI



Muitas vozes sussurram. Sombras vagueiam nos corredores da casa velha do Grupo Minas Gerais. São as professoras? É a servente Gabriela, carregando o jornal “Minas Gerais” ou está na cantina? Diante de meninos sem calçado e de meninas cujos rostos se perdem na memória, dona Zilá Cunha exhibe cartaz com as aventuras da menina chamada Lili: “Eu me chamo Lili! Eu gosto muito de doces! Vocês gostam de doces?” Extasiados, o mundo das letras chega a todos por meio da voz de dona Zilá Cunha. Loucas de curiosidade, aquelas crianças, por meio da história de Lili, descobrem a emoção de conhecer que os sinaizinhos com-

binados lhes dão a possibilidade de conhecer a aventura de uma menina que saboreava doces. Não, não era dona Lili, a antiga diretora do Grupo Minas Gerais. Era uma Lili imaginária e solene. Nenhuma menina conhecida se chamava Lili. Não era nome comum e existente no meio pobre. A Lili de dona Zilá era mágica, seus doces não despertavam desejos de manjares açucarados. Dona Zilá repartia com as crianças a glória do mundo da leitura. Como se Deus deixasse escorregar pelas mãos de Lili a magia do poder de deificação! A Lili de dona Zilá entrava na cabeça e no coração daquela infância pobre como se lhes fosse permitido, a partir dali comandar o mundo. Ou, ainda, se lhes fossem dados poderes para conhecer os insondáveis mistérios do mundo.

No ano seguinte, fartos dos doces de Lili, os infantes saboreavam outros manjares. Anália Franco Landre, professora a partir do 2º. ano, mostra-lhes, até a terceira série, que aquelas letras e números se chamam Língua Pátria e Aritmética. E há no Minas Gerais uma sala que se chama Biblioteca.

Quando vemos dona Anália na rua, os vultos e as vozes do Grupo aumentam de volume e de intensidade. Até hoje vem a visão de quando limpava as mãos sujas de pó de giz, quando batia as mãos para enxugá-las. Sem saber, começa a ser despertado naqueles meninos o sentimento misturado de possuir mãe e namorada em uma só pessoa. Dia 18 de junho ela fez anos. As lembranças da Língua Pátria e da Aritmética do tempo infantil trazem acordes da famosa canção de Ataulfo Alves: “Que saudades da professorinha, que me ensinava o “bê-a-bá”. A memória registra também notícia de que a professora iria representar no teatro local, e os garotos ficavam excitados, envaidecidos, como se eles também fossem artistas. “Bicho do Mato”, a peça representada, dirigida por Horácio Ferreira, irmão de dona Helena Ferreira, proprietária por muitos anos, do bar no prédio do Cine Alfenas.

Zilá e Anália ocuparam um tempo. Com esplendor.

Como de todo tempo, não há volta. “Amar o perdido, deixa confundido, este coração”, no verso de Carlos Drummond. Sim, foi um tempo de riquezas e magia: trouxe um mundo diferente que os infantes não conheciam. Eles trouxeram dessa viagem o esplendor da relva, o pássaro azul no voo sem fronteiras. Vai mais que nostalgia no carregar as cenas do Minas Gerais neste momento. Quando vejo Anália Franco Landre, sua presença me assegura que as coisas findas, muito mais que lindas, essas ficarão, como diz Drummond. Quando vejo Zuleide Cunha, a doce e simpática Zuleide, irmã da precocemente falecida professora Zilá Cunha, tenho consciência de que as coisas tangíveis tornam-se insensíveis, à palma da mão, tomando emprestado novamente Drummond.

Agora, quando a vejo de perto, como ocorreu na última quinta-feira, a procura do tempo perdido, de Proust, me dá a inigualável sensação de fitar de frente a professora que não mudou nada. Na classe “A”, tão disputada pelos pais porque nela lecionava dona Anália, o menino sem sapatos parece ainda querer sorver a professora à sua frente. E ouve sua voz: o tempo parou, era a mesma voz que vibrava na sala de aula, de mãe e namorada, mestra com acalanto. Imagino quão privilegiado sou porque posso escutar essa voz que, para mim, brota das estrelas. Quão privilegiado sou de poder tocar nessas mãos que nunca deixaram minha retina enevoada.

Na semana do aniversário de Anália Landre, nem eu nem ninguém pode ressuscitar o tempo. Dizer que, com ela, o tempo foi bom, é pouco, muito pouco! Talvez possa dizer que, com ela, em grandíssima parte por causa dela, o tempo e o contratempo me chegaram macios, firmes e fortes nos dias e noites do futuro.

“O vento sopra para o sul, depois para o norte, dá voltas e acaba no mesmo lugar’. Assim escreve o ‘Sábio’ que medita profundamente sobre a vida humana e que a Bíblia registra com o nome de *Eclesiastes*. Nada a ver com a palavra *eclesiástico*. Quando se fala em vento estelar, vento solar, vento sideral, a corrente de ar atmosférico que move as velas e os barcos, que anuncia as tormentas, que é evitado a ser recebido nas costas, o vento perde o sentido mágico e poético que inspira canções e estalos sonoros de liras para no máximo ser referido na energia eólica. Quase todos os que usam esse falar nem se lembram do filho de Zeus, chamado Éolo, deus dos ventos da mitologia. Sobre a Vila Formosa de São José e Dolores de Alfenas, continua soprando para o norte e para o sul, faz chover; sopra brisa, com doçura, sobre as pessoas e montes desse pequeno recanto de Minas. Cede lugar às ‘Sombras’. Seus circuitos penetram no enredo das histórias de um tempo, de um lugar, da praça principal que comecei a descrever entre claros e escuros.”

Edson Antônio Velano

Trecho da primeira crônica de “Ventos na Vila Formosa”

“Sabemos que ventos conduziram fisicamente Edson Velano a várias regiões do mundo. Mas não será exagero afirmar que ele nunca saiu de sua cidade. Na verdade, nunca deixou a praça Getúlio Vargas, o coração da antiga (e eterna) Vila Formosa de São José e Dolores de Alfenas.”

Prof. João Batista Cruz